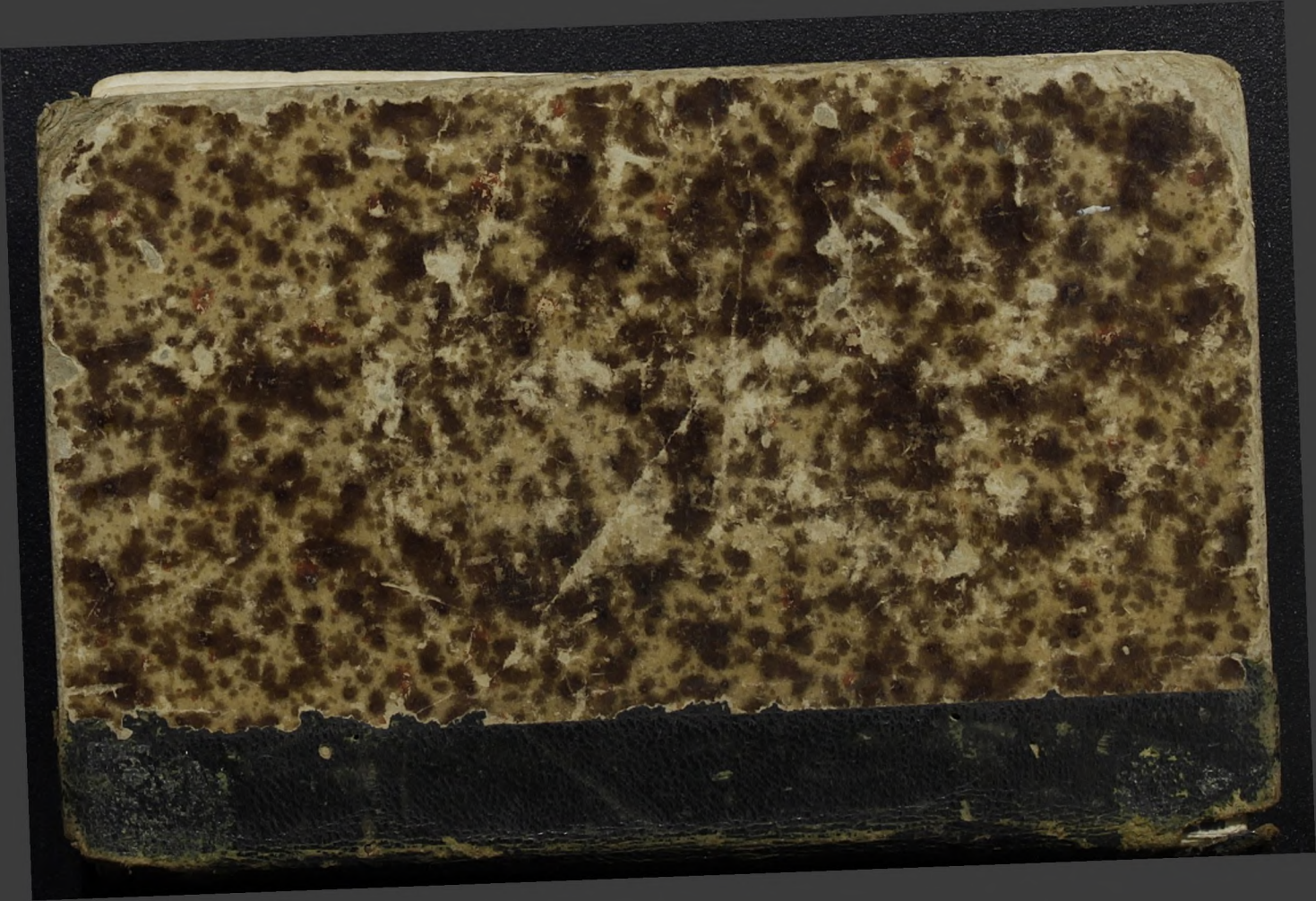
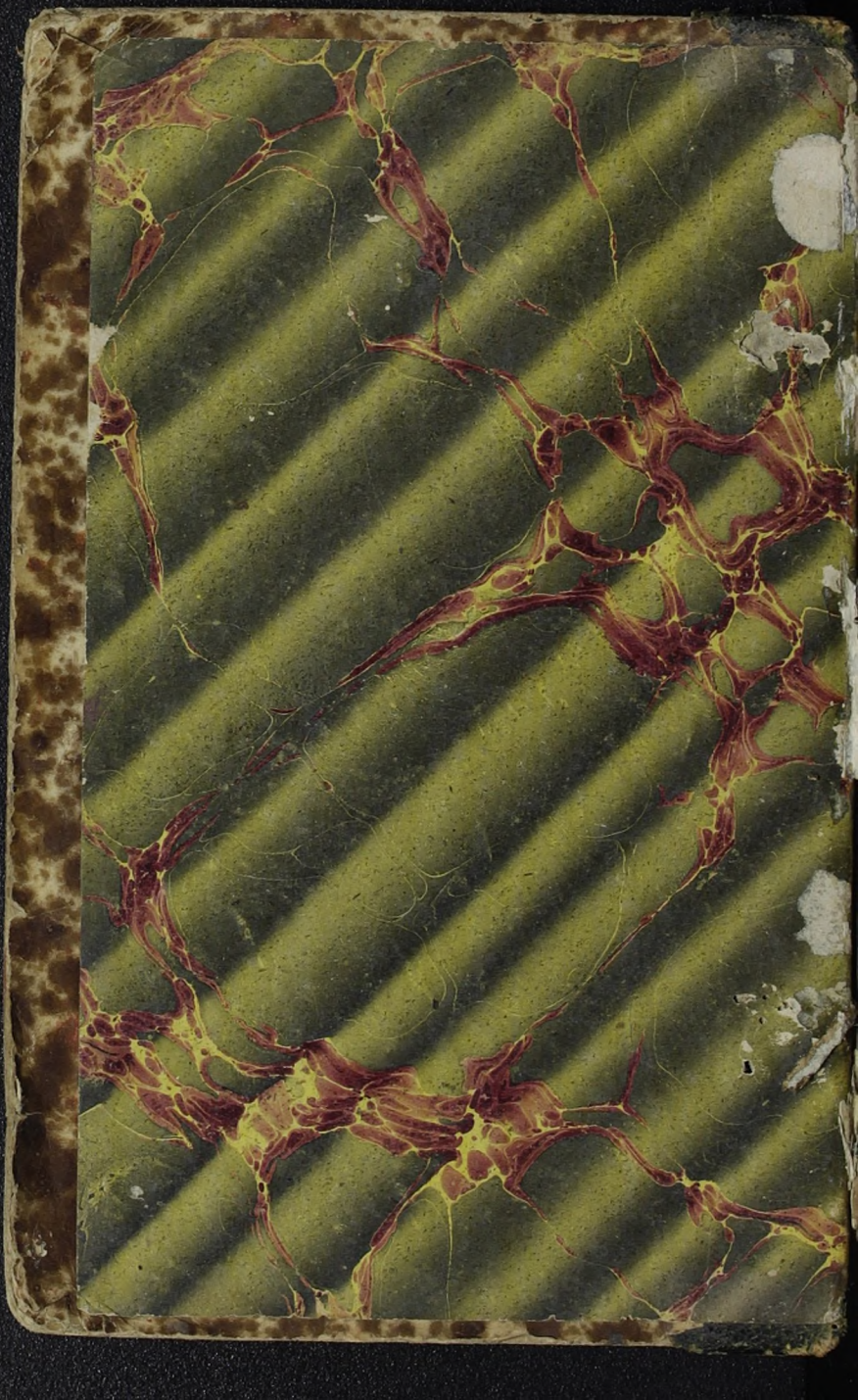
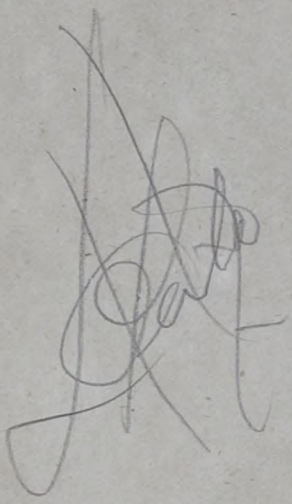






LUCIA

Obras que se achão á venda nesta livraria:

Moreira de Azevedo

Mosaico Brazileiro ou collecção de ditos, respostas, pensamentos, epigrammas, poesias, anecdotas, curiosidades e factos historicos de brazileiros illustres. 1 v. in-8º enc..... 3$000

Criminosos Celebres: Episodios historicos. Pedro Hespanhol, Vasco de Moraes, Os Salteadores da Caqueirada. 1 v. in-8º enc. 3$000, br..... 2$000

Os Francezes no Rio de Janeiro, romance historico. 1 v. in-8º enc. 3$000, br ..... 2$000

Lourenço de Mendonça, romance historico. 1 v. in-8º, enc. 3$000, br..... 2$000

Curiosidades. Noticias e Variedades Historicas Brazileiras. 1 v. in-8º enc. 3$000, br... ..... 2$000

Machado de Assis

Historias da Meia Noite. 1 v. in-8º enc. 3$, br..... 2$000

Contos Fluminenses, contendo: Miss Dollar, Luiz Soares, A mulher de preto, O segredo de Augusta, Confissões de uma viuva moça, Frei Simão, Linha recta e linha curva. 1. v. enc..... 3$000

Resurreição, romance. 1 v. in-8º br. 2$000, enc... 3$000

Chrysalidas. Poesias com um prefacio do Dr. Caetano Filgueiras, 1 v. br. 2$, enc..... 3$000

Phalenas. Poesias, contendo: Varia, Lyra Chineza, Uma ode de Anachreonte, Pallida Elvira, 1 v. enc..... 3$000

Bernardo Guimarães

O Indio Affonso, seguido de *Á morte de Gonçalves Dias*, 1 v in-12 enc. 1$600, br..... 1$000

O Seminarista, romance brazileiro, 1 v. in-8º enc. 3$000 br..... 2$000

Historias e Tradições da Provincia de Minas-Geraes: A Cabeça do Tira-Dentes, A Filha do Fazendeiro, Jupyra. 1 v. in-8º enc. 3$000, br..... 2$000

O Garimpeiro, romance. 1 v. in-8º enc. 3$000, br. 2$000

O Ermitão do Muquem, ou Historia da fundação da romaria do Muquem, na Provincia de Goyaz; romance de costumes nacionaes. 1 v. enc..... 3$000

Lendas e Romances: Uma Historia de Quilombólas, a Garganta do Inferno, a Dansa dos Ossos. 1 v. enc. 3$000 br. ..... 2$000

Poesias completas. Cantos da solidão, 1 v. in 4º enc. 6$000

1874. — Typ. Franco-Americana, rua d'Ajuda, nº 18.

LUCIA

HISTORIA

DE

UMA MULHER PERDIDA

POR

ARSÈNE HOUSSAYE

VERSÃO DO FRANCEZ

TOMO II

RIO DE JANEIRO
B. L. GARNIER
LIVREIRO-EDITOR DO INSTITUTO HISTORICO
69 Rua do Ouvidor 69

LUCIA

HISTORIA DE UMA MULHER PERDIDA

I

AS NUVENS NEGRAS DA FELICIDADE

O sr....

É convidado para assistir ao sahimento, officio e enterro de *Mlle Clotilde de Marcy*, morta em sua casa, á rua de Provence, com vinte e um annos de idade, tendo recebido os Sacramentos da Igreja, hoje 24 de janeiro de 1869, ás onze horas, na Igreja de Notre-Dame de Lorette, sua parochia.

Da parte da Viuva Clementina de *Marcy*, sua mãi; de M. André de *Marcy*, de M. Gaston de Presles, do sr. Marquez de Chavau, seu avô, tio, primos e primas.

BIBLIOTECA MUNICIPAL "ORIGENES LESSA"
Lençóis Paulista - SP

Esta carta cahiu como um raio no meio da sociedade parisiense.

— Morta! diziam, pois ella estava doente?

E lembraram-se d'aquella saude ainda em flor quando começaram as festas do inverno. Se entre todas as mulheres que eram então a alegria e o encanto dos salões parisienses, se predicesse a morte proxima, de certo não seria a de Mlle de Marcy. É que ella gozava plena saude, corria-lhe pelas veias um sangue rico e generoso, resplandecia-lhe a alma no rosto; todas as mães olhavam-na com inveja e com amor, conforme tinham filhas ou filhos.

Á missa, Mlle Staller chorava bem sentidas lagrimas.

— Porque chora a senhora? disse-lhe de repente uma senhora que estava diante d'ella.

Não queria responder á essa extranha pergunta, que no emtanto era menos extranha feita a ella que a qualquer outra pessoa.

— Choro, murmurou ella, porque ella era minha amiga.

— Sua amiga! Foi a senhora quem a matou! Pois não sabe que ella veiu de sua casa desesperada pelo que a senhora lhe disse? Foi atacada por uma febre violenta, deitou-se mal chegou á casa; vi-a essa noite, interroguei-a o mais que pude, guardou absoluto silencio. Á noite, teve delirio; tinha sido ferida no coração, o coração estalou e matou-a. Que lhe disse a senhora?

Mlle Staller não sabia como responder.

— Ella amava meu irmão, e eu disse-lhe que meu irmão não a amava.

— Não, não foi isso! Não morreu por não ser amada, morreu porque a calumniaram:

Mlle Staller abaixou a cabeça e rezou. Ah! quanto estava arrependida de ter dito á amiga o que sabia!

— Ai! murmurou ella, é bem infeliz meu irmão, porque tudo quanto elle faz dá em mal.

N'esse mesmo dia, tinham ido dizer a Mme Staller que seu filho tinha perdido muito na Praça. Por isso é que ella, que já estava doente, não poude ir á missa.

Logo que arrancaram dos braços maternos os restos mortaes da filha, a infeliz mãe correu meia doida a casa de Mme Staller.

— Onde está seu filho? disse ella fóra de si.

— Não me falle em meu filho! está perdido para mim.

— É um monstro e é um covarde, disse Mme Marcy. Já que ha palavras que ferem mortalmente, eu quizera feril-o tambem; mas elle nada sentiria, porque é um homem sem coração.

As duas mães lamentaram-se emquanto a morte levava a filha de uma e tentava o filho da outra.

Na hora do enterro, Gontran, louco de dor, tinha armado uma pistola.

Só lhe restava uma consolação: era fazer a funebre viagem em companhia da amavel creatura que, ha alguns dias, amava perdidamente.

Mas por tres vezes chegou a pistola á fronte, e tres vezes pouzou-a sobre o fogão, atterrado por se ver tão pallido.

Faltaria a coragem a Gontran? Ter-se-hia esquecido de abraçar a mãi e a irmã? Quereria dizer adeus a Lucia?

Não. O que elle queria era descobrir o mysterio da ceia do café Inglez.

II

O ABYSMO COR DE ROSA

Durante alguns dias, Gontran não sahiu de casa. Não recebia nem um amigo, não apparecia á mãi nem á irmã senão á hora do jantar. Não almoçava. A penas tomava de manhã em seu quarto uma chicara de chá ou de chocolate.

Que fazia elle n'essa solidão voluntaria? Chorava por Mlle de Marcy?

Accusava-se da morte d'ella, batia no peito, e desesperava da vida.

— E no emtanto, dizia elle, não foi minha culpa! Se ella estava culpada, mais cedo ou mais tarde reconheceria a sua vergonha e sepultar-se-hia com ella, porque tinha guardado intacto o coração.

E lamentava-a. Elle que era indulgente para com as mulheres, porque tinha amado as peccadoras, julgava

que Mlle Marcey não era menos interessante morrendo por ter encarado o seu peccado face a face do que por ter sido ferida pela calumnia.

A calumnia não mata, dizia elle, porque a consciencia é uma couraça impenetravel.

E Gontran repetia constantemente :

— E demais não a vi eu n'esse horrivel gabinete n. 12?

Algumas vezes porém dizia :

— E se não fosse ella?

Mas viu ainda aquelle rosto risonho, aquelles cabellos negros como a aza de um corvo, ornados de coral, aquelles olhos de veludo vagamente desvairados pela alegria nocturna que nasce do amor e do vinho de Champagne.

A conclusão de todas as suas reflexões foi que Mlle de Marcy tinha tido um amante, quer por surpreza, quer por interesse.

No dia em que ella o tinha encontrado, a elle, Gontran, tinha sentido todo o horror da sua falta. Talvez d'ahi em diante só tornasse a ver o amante para romper com elle, e depois consolar-se com o casamento, subindo ás espheras radiantes de virtude de esposa e mãi. Mas desde que Gontran lhe descobriu o segredo, que lhe restava? Perder o amor d'elle, achava-se a braços com a propria vergonha, e atirava-se desvairada á febre e ao delirio que deviam em poucos dias leval-a á sepultura.

Por conseguinte, no espirito de Gontran Mlle de Marcy

morreu porque o amava e porque tinha já tido um amante.

Com essas ideias foi elle muitas vezes divagar junto do tumulo d'ella, no Père-Lachaise, na altura em que está o monumento do duque de Marcy.

O nome ainda não estava inscripto no marmore. Enterraram-na ao lado do pai, cujos restos mortaes tinham sido removidos de Florença seis mezes antes. Mais de uma vez perguntaram a Mme de Marcy o que queria que escrevessem no marmore; ella estudava epitaphios, mas nunca achava um bastante eloquente.

Um dia que Gontran estava inclinado sobre o sarcophago, chegou Mme de Marcy com um ramo de violetas.

Reconhecendo Gontran, deitou-lhe um olhar terrivel e perguntou-lhe com voz glacial o que vinha alli fazer.

— Venho chorar, disse Gontran.

— Prohibo-lhe que se approxime d'esta sepultura. Desde que eu lhe prohibi de ir a minha casa, o senhor deveria deixar de vir aqui. Pois não comprehende que minha filha soffre ainda no tumulo os ultrajes da sua calumnia?

Gontran affastou-se machinalmente, porque não sabia como responder.

— É celebre, dizia elle, pois a mãi não sabia? Não era então uma questão de dinheiro?

Voltou á casa de Lucia que já o não esperava.

Teve de esperar na ante sala; sujeitou-se a tudo, como

BIBLIOTECA MUNICIPAL "ORIGENES LESSA"
Lençóis Paulista - SP

se em sua magoa tivesse perdido a pouca energia que lhe restava.

— Bom dia, Gontran, disse-lhe Lucia, alegre como sempre; eu andava triste por não te ver mais. D'onde vens tu? Tens andado a chorar os meus peccados?

— Talvez, respondeu Gontran que já não sabia em que pé estava n'essa casa que elle tinha dado á actriz.

— E quem te traz cá hoje? Supponho que não sou eu.

— Talvez, disse outra vez Gontran.

— Ora vamos, falla! Já não és o mesmo! Como estás palido! Queres vir ao meu quarto ver-me emquanto Eugenio Deschamps tira o meu retrato para o principe***?

Gontram, suspirou:

— Escute, Lucia, é preciso, custe o que custar, que eu veja o estrangeiro que estava ceando no n. 12 do café Inglez.

— Porque?

— Porque quero saber toda verdade, porque estou aborrecido de viver e seria para mim uma fortuna ser morto por um bom estocador.

— Oh! tu estás doente!

Lucia pegou na mão de Gontran e tomou-lhe o pulso.

Elle estremeceu e sentiu que se lhe despertava o coração. Julgava já não amar Lucia, mas o terrivel magme-

tismo que ella exercia sobre elle como um *feitiço*, perturbava-o de novo, até o intimo d'alma.

— Olha! não quero que um homem que eu amei acabe mal. Volta a ti.

— Não! disse tristemente Gontran.

— Pois então! volta a mim. Eu sou generosa, perdôo-te os meus peccados.

E beijou o ex-amante.

— Tu bem sabes que é impossivel, disse Gontran. Não estás com o principe*** ?

— E o que tem isso?

A actriz disse em phrase caracteristica como a tem dito em scena.

— Ora! continuou ella, o principe é bom rapaz. Não te batas nem com elle nem com o teu outro rival; e demais, esse está a estas horas em Hamburgo, onde sem duvida vae desencovar alguma outra estrangeira distincta. Nasceu para este genero de aventuras. Queres jantar comigo? Mas, por favor, não fallemos mais nessa historia. Tu abandonaste-me pouco delicadamente, não sei porque; foste bem feliz em ter-me apparecido o principe senão terias que ver comigo. Onde diabo tens tu passado o tempo? Porque, se bem me lembro, escrevi-te e a carta voltou.

Gontran viu que Lucia não sabia da morte de Mlle de Marcy; não quiz fallar n'isso, como se receasse profanar a pobre morta.

Decidiu-se a jantar com a comediante.

— E se o principe vier?

— Estará o principe em minha casa, mas tu estás na tua.

Lucia pensava, como mulher de juizo que sempre era, que se o principe chegasse e se queixasse de encontrar Gontran, seria um bom encontro para elle, porque então lhe diria: « Meu querido principe, eu não serei inteiramente livre e feliz emquanto me não comprares uma outra casa; tanto mais quanto esta não é digna de ti. »

E chegaria assim ao seu ideal, que consistia em ter uma casa na grande avenida dos Campos Elyseos, o que é o sonho querido das ambiciosas de hoje. Essa noite, Gontran não voltou para casa. Nem no dia seguinte. Nem no outro dia.

Onde estaria elle?

Mme Staller, inquietissima, arriscou-se a mandar á casa da rua de Courcelles. Gontran não estava. Mandou a casa de um amigo d'elle, Raul d'Oraie, o unico a quem elle fallava ultimamente; elle não lhe tinha confiado todos os seus segredos, mas talvez, Raul os tivesse adivinhado; Raul veio ver Mlle Staller, e entristeceu-se com ella da decadencia do filho. Apezar de querer esconder-lhe o mal profundo que o dominava Gontran, não lhe occultou que elle passava quasi todas as noites na *Maison d'Or*.

É que já não tinha o direito de dormir em casa de Lucia!

E ahi está porque Gontran recebeu uma carta de sua mãe, com este sobrescripto:

« Ao sr. Gontran Staller, na Maison d'Or ».

Gontran não era então o doido a quem se podia escrever assim. Sabe-se o que é um viver impossivel. Começa á noite. Fumam, conversam e, jogam. Dá meia-noite, é a hora em que chegam as mulheres; fumam, conversam jogam. Ah! esqueceia-me: ceiam: Provam de tudo com labios scepticos. O vinho de champagne, os ditos das mulheres, as gargalhadas communicam uma alegria feiticeira a esses corações doentes. Amanhece: já que o sol se levanta, é bom que a gente se deite. Agarram a mulher que está mais á mão para não irem sós. Refiro-me áquelles que, como Gontran, tem um amor que os persegue, um pezar que os opprime, um remorso que os magôa. Levantam-se ás duas horas, arrastam-se até o seu circulo, jogam ou vêm jogar quando não tem mais dinheiro. Jantam um aqui, outro ali, mas encontram-se sempre no *Maison d'Or*, ou no café Inglez.

Gontran tinha chegado a ponto de abandonar-se á sorte; deitou a consciencia ao mar para desalijar o navio. Vivia com uma e com outra, quasi se póde dizer que vivia á custa de uma e de outra; sabiam que elle tinha sido rico, pensavam que o tornaria a ser. H mulheres que, como os usurarios, empregam o amor a altos

juros; ha algumas que se conhecem tão bem, que acreditam que dando-se, não dão cousa alguma: é mais uma noite que passam na prisão forçada das paixões más condemnadas *ad perpetuam*.

Gontran, que tinha jurado a sua mãe não tornar a ver Lucia, não ousava voltar para casa depois que se deixou de novo prender aos maleficios d'essa feiticeira. Vivia dia por dia, noite por noite, sem cuidar mais em sua dignidade, porque não cuidava mais no dia de amanhã. Depois que só lhe restava um amigo: a sua pistola. Estava convencido que teria de recorrer a esse amigo ultimo.

Mas o que elle não confessava a si mesmo, convem que eu o confesse. Quero contar sua historia. Prendera-se mais violentamente que nunca ao amor de Lucia; forcejava por apagal-a da lembrança; mas por mais que fizesse, ella estava sempre presente. Se abria um jornal, lia o que ella fazia e dizia; se dava ouvidos ás conversas, fallavam na comediante. Á noite, entre nove e dez horas, ia, sem o saber, sentar-se em sua cadeira no theatro. Sentia uma volupia atroz em ouvir os applausos e ver cahir os bouquets. Lucia era obra sua, mas já lhe não pertencia. Teria talvez sentido o mesmo prazer se a ouvisse patear.

Os que se indignarem por vel-o tão covarde e com esta paixão que não conseguia dominar, é que passaram talvez pelas paixões sem arcar com ellas. É preciso não

esquecer que Lucia era formosa. Nem alma, nem coração, dir-se-ha.—E as obras primas da arte? E de mais se ella o não tinha amado, elle acreditava que tinha sido amado por ella: em amor, a realidade nada vale, a illusão é tudo. E nada valia, então, ter-lhe ella inspirado tanto amor? Se o coração d'elle viveu, não foi ella que o fez viver? O verso de Voltaire será eternamente verdadeiro em sua belleza; quero citál-o ainda:

« Sou eu que devo tudo, porque te amo, a ti [1] ».

Mas como não tinha Gontran coragem de furtar-se a essa paixão que só lhe podia causar vergonha? Quando elle ia a casa de Lucia, não era como esses pobres envergonhados, esses antigos amigos cahidos na miseria, a quem se dá as migalhas do festim do amor? Como se humilhava elle a ponto de ser mendigo na casa de que tinha sido senhor? É que o amor é ao mesmo tempo soberano e escravo: quantas vezes, depois de ter gozado do seu triumpho, desce a ponto de beijar as cadeias que o prendem!

Se restava a Gontran um pouco de orgulho, elle empregava-o no culto que dedicava a Lucia; commovia-se com o ruido que se fazia em torno d'ella e que lhe chegava aos ouvidos; sabia bem o que valia essa aura ephemera que acompanha a comediante, mas dava-lhe importancia como todos.

N'esse tempo a fama, como por zombaria, coroava as

[1] C'est moi qui te dois tout, puis que c'est moi qui t'aime.

frontes de algumas comediantes e de algumas cortezãs os generaes estavam no segundo plano, como se as batalhas de amor fossem mais heroicas que as victorias alcançadas sobre o inimigo; não só os generaes, tambem os homens politicos, os diplomatas, os poetas, os artistas. De cada vez que se descobria uma estrella no céu contemporaneo, pertencia a uma grande velhaca. Que fazer a isso? Não serviu produzir-se o mesmo phenomeno na antiguidade? Quantas olympiadas que Athenas brilham até hoje pelo esplendor das cortezãs? Quantos homens illustres, estão esquecidos, quantos reduzidos, a pó, ao passo que a lampada funebre das Aspasias e Phryneas brilham sempre!

É a injustiça e a imperfeição que servem de prova á existencia do céu—o outro mundo.

Gontran tinha recahido, não direi em todas as ebriedades, mas em todas as angustias de seu amor.

Lucia fazia-lhe o favor de o receber uma vez ou outra. Mas, uma noite, nos bastidores, disse-lhe:

— Não vás mais a minha casa, o principe tem ciumes.

— E eu tambem tenho ciumes, disse Gontran, querendo altear-se ao nivel do principe.

Lucia poz-se a rir — com um riso diabolico.

— Ah! tambem tens ciumes? disse-lhe ella, n'isso te pareces com o principe; mas, em uma outra cousa não te pareces com elle: é que elle dá-me oito mil francos por mez e tu não me dás nada.

III

O DECAHIMENTO DO AMOR

Gontran sentiu-se ainda mais infeliz. Procurou consolar-se do amor com outros amores. Mas só encontrava nauseas e desespero.

Se Lucia o tivesse visto vagando em volta da casa d'ella depois de uma noite sem somno, esperando a hora em que ella ia aos ensaios, sem duvida lhe teria dado por esmola um sorriso, por mais cruel que ella fosse, mas como sahia sempre mais tarde do que devia, ia a passar os olhos pelo papel sem ver quem estava na rua. Mas, Gontran, por um resto de pudor, não se metia debaixo das patas dos cavallos.

No entanto, uma manhã, ella vio-o pallido, triste, mal vestido.

— Que diabo vem elle fazer por aqui? disse ella.

Disse-lhe adeus com a mão, sem comprehender que

era a propria paixão que vinha chorar debaixo das janellas d'ella.

O conde d'Aspremont encontrou um dia Gontran, pallido, sombrio, desvairado, a esconder o seu desespero por perto da casa de Lucia.

O pobre doido abriu o coração a d'Aspremont :

— Não posso mais, preciso tornar a vel-a, disse-lhe elle com as lagrimas nos olhos.

— Ora, meu amigo, tu causas-me lastima! Uma creança tem mais altivez do que tu. Eu te peço, em nome de tua mãe e de tua irmã, sê homem.

— Preciso ver Lucia uma ultima vez.

— E onde queres tu vel-a?

— No theatro. Li no jornal que ella representa esta noite um novo papel.

— É isso, já sei o que vae succeder : os bravos e os bouquets hão-de subir-te á cabeça!

— Não! empresta-me cinco luizes.

— Toma, ahi tens os cinco luizes. O que vás tu fazer com elles?

— Comprar luvas.

— Tu sabes que tua familia está desesperada. Porta-te como um homem honesto ; vae ao theatro, mas não deixes de ir para casa.

Os dous amigos separaram-se. Gontran não comprou luvas : gastou tres luizes em tres bouquets ; deu vinte francos a um pobre — milagre ! — e guardou vinte fran-

cos para dar á porteira dos camarotes, não só para que ella mandasse atirar os bouquets, mas tambem para que fosse levar um bilhetinho á comediante durante o intervallo.

Elle não queria comprometter mais o seu nome; era um bilhete anonymo; dizia assim:

« Lembras-te? Um dia estava a ler um romance; leste alto esta passagem: — O que é viver? É recordar-se. — Recorda-te? »

Mas Lucia não se recordava. O recordar-se é bom para quem tem tempo para voltar atraz.

Lucia respirara os perfumes das flôres que lhe dera Gontran? Talvez. Foram as unicas que uma noite lhe atiraram. Reconheceu a letra d'elle? Talvez. Amarrotou o bilhete e atirou-o ao chão dizendo: « Os homens são doidos. »

Gontran quiz arriscar-se a ir, não aos bastidores, mas ao *foyer* dos actores. Não se atreveu; como ha muito tempo não cuidava em vestir-se bem, Lucia julgaria que elle não estava decente para uma primeira representação em que ella tomava parte.

A cadeira que elle tinha tomado para todo o inverno, teve de sublocal-a uma noite em que precisou de dez luizes. Foi um de seus amigos que ficou com ella. Por essa noite, Gontran obteve que elle lh'a cedesse durante um acto. No dia seguinte, tornou a pedir a cadeira, mas o tal amigo recusou-lh'a brutalmente, dizendo:

— É desagradavel isso, parece que eu é que estou a servir-me do que é teu.

Passaram-se alguns dias. A ruina estendia suas azas negras sobre a casa Staller. Gontran viu a mãe e jurou refazer a fortuna da familia. O que fez para isso? jogou na Praça ! Pensava tomar a achar lá o que tinha perdido em casa de Lucia. Naturalmente, perdeu mais ; teimou, e perdeu sempre. É mathematico : na Praça, só o dinheiro ganha dinheiro : Elle bem podia negar essas novas dividas de jogo, porque a Praça está cheia de gente que enriquece porque não paga ; mas Mme. Staller quiz pagar.

Um dia, puzeram annuncios da casa Staller : *Vende-se por licitação*; diziam os annuncios, mas a verdade era que os herdeiros de Mr. Staller já não podiam morar ali.

Nada ha mais triste que o interior d'essa casa em que reinava o silencio. Mme. Staller querendo salvar o filho do desespero em que o via sempre a recahir, perdia de vista a filha que definhava de magoa. Era triste : tinha-se privado de tudo, vendido os cavallos e os carros; nem mais recabiam as pessoas intimas. Mme. Staller, que reservava suas joias para a filha, levou-as um dia a um joalheiro e trouxe com que pagar uma das dividas de Gontran.

Chamou o filho, fechou-se com elle e disse-lhe o que tinha feito.

— Ah! ia-me esquecendo, disse-lhe ella beijando o, tenho ainda um presente para dar-te. Comprei este livro para ti.

E deu-lhe a *Imitação de Jesuz-Christo*.

Gontran abriu o volume como um homem que já não sabe ler.

— Ah! disse a mãe, bem vejo que não comprehendes nem uma palavra. É pois verdade que essa desgraçada mulher arruinou-te o espirito e o coração como te arruinou a fortuna!

Gontran olhava para mãe sem responder.

— Creio que tu não a vês mais?

Um sorriso triste passou pelos labios de Gontran.

— Não, não a vejo mais. Mas tu ainda a não conheces bem: olha que se eu fosse a casa d'ella, mandar-me-hia pôr na rua.

N'esse dia, por desfastio, depois, de ter debalde fallado á *Imitação*, Gontran sahio e foi á rua de Courcelles. Tinha a curiosidade de saber se a sua antiga amante o recebia.

Tinha lido em uns jornalecos que Lucia tinha feito uma nova fortuna com um principe estrangeiro.— sempre principes — Este tinha-se divertido; na primeira noite — de nupcias — mandou-lhe uma cesta, como as que os noivos costumam dar ás noivas com um livro de missa contendo trezentas e sessenta e cinco paginas em notas do banco.

Até onde chega a profanação !

Quando Gontran entrou em casa de Lucia achou-se em paiz estrangeiro ; tinha havido completa reforma de pessoal. Um criado perguntou-lhe o nome ; elle quasi entrou sem se importar com isso, mas, contendo-se, entregou um cartão de visita.

— Mr. Staller ! disse o criado comsigo, este de certo não é recebido, porque nós só recebemos titulares.

D'ahi a pouco voltou dizendo a Gontran que a senhora estava occupada.

— Eu advinhava-o, disse o homem que tinha comprado aquella casa.

Não se deu por batido, tomou um puuco de energia. Entrou resolutamente para a sala e disse ao lacaio que era indespensavel que a senhora descesse.

Lucia não se fez esperar muito tempo. Entrou para sala com impaciencia e franzindo o sobr'olho.

— Que vem o senhor fazer aqui, Gontran ?

— Venho vel-a, Lucia.

— O senhor já me tem visto muitas vezes, Gontran. Outro tempo, outra mulher, o passado passado. Quando eu o amava e o senhor me amava, havia razão para nos vermos, mas ho'e nem um nem outro temos tempo a perder.

— É verdade, disse Gontran tentando gracejar, o tempo é dinheiro.

— Trate de refazer a sua fortuna e não me faça perder a minha.

Lucia sabia que Gontran estava mais que arruinado.

— Olhe, Gontran, se o senhor veio cá para pedir-me dinheiro, diga quanto quer.

— Pedir-te dinheiro, a ti!

Gontran, que se tinha sentado, levantou-se e atirou-se furioso contra Lucia; agarrou-a pelas duas mãos e obrigou-a voar em roda d'elle como em uma valsa infernal.

— Pedir-te dinheiro! disse elle outra vez, ainda que bastasse um copo d'agua para impedir que eu ficasse damnado nunca t'o pediria!

Lucia, que conseguira escapar das mãos de Gontran tocou a campainha.

— Acompanhe este senhor, disse ella, ganhando coragem.

Era preciso matar aquella mulher ou sahir.

Gontran sahiu.

IV

A FESTA SOB O CYPRESTE

No dia seguinte era o anniversario de Lucia

A casa da rua de Courcelles ficou inundada de bouquets.

O principe, que passava bem, quiz que os musicos da orchestra dos Bouffes fossem tocar uma alvorada á porta de sua belleza, apezar de estar chovendo a cantaros.

Lucia nunca tinha sido tão feliz. Triumphava no theatro, triumphava no bosque, triumphava das mulheres do mundo equivoco por toda estação, porque quem acharia outro principe tão doido como o d'ella?

N'esse dia, ao meio dia, Mlle. Staller disse á mãe na occasião em que se sentava á meza para almoçar:

— Não viste Gontran?

— Não, mas sei que está no quarto. Vi-o ha pouco á janella.

— E porque não vem?

N'esse momento Gontran appareceu á porta da sala de jantar.

— Anda, Gontran, disse-lhe suavemente a mãe. Hoje tencionamos ir ao Pére-Lachaise. Não queres ir comnosco?

— Ao Pére-Lachaise? Pois então, irei, disse Gontran.

E beijou a mãe e a irmã.

— Então, não te sentas á mesa?

— D'aqui a pouco. Vão almoçando. Eu vou ao meu quarto buscar cigarros.

E sahiu.

— Como elle está pallido! não achas, mamãe?

— Se Deus não olhar para elle, nós não conseguiremos salval-o.

Gontran não tinha voltado ao quarto com o fim de buscar cigarros. Chegara á ultima estação da sua cruz, queria morrer. Sua pistola — a pistola de Lucia esperava-o. Nem ao menos se deu ao trabalho de fechar-se no quarto.

— Sim, disse elle pegando na pistola, pois sim, irei ao Pére-Lachaise.

A criada que n'esse momento parava em frente ao quarto de Gontran, gritou:

— Sr. Gontran, o que é que está ahi fazendo?

— Silencio! disse Gontran, é um duello de morte. Nem uma palavra.

E mostrava-lhe a pistola.

— É tudo o que me resta da minha fortuna.

— É verdade, disse a creada. E bem se sabe quem foi que lh'a deu.

— Vae dar-me agora a felicidade!

Ouviu-se uma detonação na casa Staller.

Pareceu á pobre mãe que lhe vibravam o golpe mortal; correu ao quarto do filho com o pressentimento da sua desgraça.

Viu Gontran deitado de bruços sobre o tapete: o sangue corria a jorros. Ella gritou, atirou-se sobre o filho, quiz beijal-o... Mal lhe distinguio o rosto...

A *Imitação de Jesuz Christo* estava em cima da mesa, mas elle não o tinha aberto.

Perto da *Imitação*, quando a sra. Staller voltou a si nos braços da filha, reconheceu a letra de Gontran.

— Lê isso, disse ella á filha.

Mlle. Staller leu estas poucos palavras escriptas com mão febril:

« Adeus, minha mãe, adeus, minha irmã. Eu vou pedir perdão a meu pae. »

— Não, não é isso disse a mãe, deve haver outra carta.

— Aonde?

— Digo-te que ha outra carta. Mme. Staller via com a segunda vista. Revolvendo os papeis da mesa. Mme.

Staller achou com effeito uma carta fechada com o seguinte sobrescripto:

Ao Mr. Raul d'Oraie.

— N'essa carta, disse a mãe, ha uma outra, porque Raul era o confidente de Gontran.

Rompeu o enveloppe e achou com effeito dentro uma outra carta fechada dirigida a Lucia.

— Eu heide lêr esta carta! exclamou a mãe.

Abriu-a e leu o que se segue:

« Alegra-te, Lucia. Nunca mais verás meu rosto que sem duvida faria sombra á tua ventura. Quando ler esta carta, ter-me-hei feito jsutiça. Esqueci-me de pedir-te as minhas cartas; Raul irá buscal-as para as queimar, se tu mesmo já as não queimaste. Sê leal ante a minha morte. Tu disseste-me que tinhas sempre guardado aquelle bouquet fatal, que foi a minha ruina e que foi a causa da desgraça de toda a minha familia; leva-o ao meu tumulo e respira estas violetas, que por mão de Raul te envio. Inspira o perdão. Adeus! sê feliz e lembra-te que nós nos amamos muito. Mato-me com a pistola que tu me deste, porque tu me deste o amor e a morte.

« *Gontran* »

— Oh! a loucura do amor! a loucura! a loucura! a loucura! disse a mãe deixando cahir a carta e ajoelhando junto do filho.

XXII

O ESPECTRO NO BANQUETE

Quando Raul d'Oraie se apresentou, em cumprimento da ultima vontade de Gontran, em casa de Lucia para entregar-lhe um ramo de violetas, com a carta de despedida, e pedir-lhe as cartas do finado, ella pronunciou estas palavras dignas da historia.

— Como assim! pois elle matou-se! matou-se no dia de meus annos! Como se não podesse esperar até amanhã!

A comediante dava n'esse dia um jantar aos convivas; Tinham sido contemplados os primeiros nomes da mocidade dourada. Quantos ficariam zangados porque ella os não convidou! porém ella tinha dito de antemão:

— Não quero que hajam treze pessôas á mesa.

Gontran era o decimo terceiro.

Lucia teve medo e enterneceu-se lendo a carta; não é

BIBLIOTECA MUNICIPAL "ORIGENES LESSA"
Lençóis Paulista - SP

bom chorar em dia de festa. Por conseguinte pediu a Raul que voltasse no dia seguinte para tratar d'esse negocio.

Raul sahiu, pensando no pouco lugar que occupa um apaixonado, vivo ou morto, em casa de uma perdida que adorou.

Lucia não transferio a festa para o dia seguinte. A noite choveram bouquets nas salas.

As violetas de Gontran ficaram sepultadas debaixo das camelias e rosas.

Todos os convivas compareceram, ás oito horas foram para a mesa.

— Meu caro amigo, disse a dona da casa a um de seus convivas, o senhor vem á minha festa de cara triste! Um pouco de alegria, se faz favor.

Era o conde d'Aspremont.

— Na verdade, disse elle amargamente, o que mais me admira é que eu ainda me admire.

O conde d'Aspremont era um homem de caracter no meio de todos esses rapazes lançados a redea solta no Steeple-chase das aventuras. Tinha um profundo sentimento de justiça. Queria que cada um se puzesse em seu lugar. Desilludido de tudo, aspirava ao ideal do bem, mas não tinha coragem para romper com os azares da vida parisiense. Sem preconceitos de casta nem de fortuna, tinha uma theoria politica; mas achava a revolu-

cionaria demais para que elle se metesse a trabalhar no edificio social.

Orpham, tinha esbanjado o patrimonio com as cartas e com as mulheres. Mas não chorou sobre suas ruinas. Passando um dia de caça perto de uma de suas terras vendidas pelos credores, exclamou, como já não sei que prodigo: « Ah! eu era bem capaz de te gastar outra vez. »

Foi o unico pezar que manifestou.

Ha um Deus para os filhos prodigos. Logo que ficou arruinado, recebeu uma herança milagrosa de que se fallou muito em 1868. D'esta vez pensou com a fortuna que tinha, em fazer um casamento de conveniencia, e não se preoccupou mais senão em procurar uma mulher que fosse para elle a imagem da fidelidade e da virtude. Quem o acreditaria? está casado.

A noticia da morte de Gontran espalhou-se em poucas horas entre a mocidade parisiense. Um sentimento de amarga curiosidade impelliu d'Aspremont a vir tomar á seu lugar no banquete de Lucia. Elle não lhe queria muito bem, mas ia assim como se vae ao Jardim das Plantas para ver monstros.

Não podia comprehender que a comediante não transferisse a festa, apezar de conhecel-a bem.

Atirou-se arrojadamente á questão, sem pezar as consequencias.

Palavra de honra! disse elle, eu acho muito natural,

Lucia, que a senhora fizesse mudar o espectaculo de hoje por causa da sua festa, mas francamente acharia mais natural ainda que não houvesse aqui festa hoje.

Lucia não se perturbou.

— Meu caro, a vida tem suas exigencias: porei luto amanhã para lhe ser agradavel.

E lançou um olhar terrivel a d'Aspremont.

— Já sei, toma luto á moda da côrte: um dia de luto pesado e outro de luto alliviado.

Lucia tinha sempre a resposta prompta:

— Deixe estar! seu amigo hade ser tratado como um principe.

Este prologo de jantar tinha deitado sobre os convivas o gelo de uma mortalha. Embora Lucia tivesse mudado de sociedade como mudou de creados, ninguem ignorava que aquella casa, em que estavam todos jantando, tinha sido dada á actriz por Gontran. Essa paixão ás escancaras tinha feito bastante barulho para que o echo repetisse ainda os seus mais brilhantes episodios. De certo, Gontran não era homem para deixar um nome immorredouro como Alcibiades, Alexandre ou Cesar, mas emfim, era natural que no dia da sua morte se fallasse n'elle tanto mais quanto a sua morte foi uma das paginas mais accentuadas da sua vida.

Tentaram fallar de outra cousa. Lucia, que sabia dirigir a conversação atravez dos obstaculos como sabia dirigir os seus cavallos inglezes por entre as carruagens

das grandes avenidas, tentou levar o espirito de seus convivas para o theatro. Fallou-se do occaso de Mlle. Duvergel e da aurora de Mlle. Casa Pearl nos mesmos horisontes estrellados de diamantes; mas, por mais que evocassem as imagens mais luminosamente alegres da sociedade elegante, uma palavra imprevista fazia recordar o rosto pallido de Gontran. Tinha elle sido amigo de todos, tinha tocado um pouco em tudo; era inutil revolver nomes estrangeiros, o nome d'elle apparecia sempre.

Só um dos convivas, d'Aspremont, conservou-se em silencio e olhava para a comediante com tanta attenção como se estivesse no theatro.

E era isso um espectaculo para elle que vivia no turbilhão e que gastava tempo a estudar as mulheres.

No emtanto, o vinho de Champagne gelado, de volta da Russia, e o vinho espumoso do Rheno, marca Johanisberg, servido desde o principio do jantar, conforme a moda já consagrada nas primeiras casas, tinha subido á cabeça de todos os convivas, excepto do conde d'Aspremont.

Lucia, tambem exaltada pelos primeiros turbilhões da embriaguez, abandonou-se a uma bella inspiração:

— Tanto peor! exclamou ella, affrontemos a morte face a face. Eu tenho lido os philosophos! O tumulo é uma porta aberta; Gontran já foi occupar a sua cadeira em um novo mundo onde ha talvez espectaculos tão serios como os dos Bouffes. Não o lamento. Nós não cho-

ramos por nossos amores que morrem; e é essa a verdadeira morte, porque elles não renascem. Porque havemos de chorar pelos homens, que tem de renascer?

— Lucia tem razão, disse um conviva, não é a vida que é uma viagem, é a morte.

Lucia deu uma gargalhada.

— Pobre Gontran! fiz-lhe boas; mas, onde se não soffre, não se goza. É a minha divisa. Entre outras, representei com elle uma boa comedia, mas sobre essa guardo segredo.

— Conte, conte! disse um seu visinho, um quasi—embaixador que conhecia bem as mulheres.

— Não! jurei não a contar.

— A quem o jurou?

— A mim mesma.

E a comediante que estava a perder a cabeça bateu com a mão sobre o coração.

— Aqui não ha ninguem de consciencia, ora ande, póde fallar, disse-lhe o visinho da direita, o celebre Tres-Estrellinhas que marca a chuva e o bom tempo á politica da noite.

Declararam todos que consideravam Lucia desligada do seu juramento.

— Oh! no fim de contas, foi uma cousa inocente, disse ella. Eu pensava que o amava ainda.

— Porque nunca o amou, murmurou d'Aspremont.

— Silencio! Imaginem que um bello dia elle participou-

me que se ia casar com a filha já não sei de quem, mulher de boas cores e bom dinheiro. À noite, fugi durante o intervallo, e fui, toda encapotada, aos bastidores dos Italianos; que vejo! augusto céu! o meu Gontran a fazer a corte á noiva! A rapariga era bonita, mas um tanto vermelha. É crivel! exclamei eu, é a criada de Rosa. Com effeito a semelhança era perfeita: o mesmo rosto com os mesmos cabellos, ebano sobre carmim. Os senhores todos conhecem a creada de Rosa!

— Conheço, disse um convivа que queria fazer espirito; se eu fosse amante de Rosa, trocava os papeis.

— Levada pelo ciume, tive duas ideias, a primeira era a mais sensata, abandonei-a. Era esta: tomar essa rapariga para o meu serviço para desgostar Gontran da noiva.

— Era bem lembrada, mas, disse o teimoso conviva, talvez a senhora tivesse medo que elle se enganasse.

— Eu!

Bonita exclamação! Lucia deixou cahir sobre elle um olhar de desdem, como se fosse de todo impossivel confundil-a com uma creada.

— Eu, disse ella, nunca habitei mansardas.

Arrependeu-se logo de ter dito estas palavras porque, apezar de estar um pouco ebria, vio que os seus convidados olhavam uns para os outros como a lembrar-se da casa terrea em que ella morou.

— Continúa, disse o principe, está-me interessando,

— Adoptei portanto a segunda idéia, porque não achei terceira. Tinha eu á mão um meu ex-amante que não tinha que fazer porque não tinha mais dinheiro. Dei-lhe vinte e cinco luizes.

— Com effeito, paga bem os seus espectaculos.

— Scio ! se me interrompem, não conto a historia.

Calaram-se.

— Dei, pois, vinte e cinco luizes ao sujeito dizendo lhe : Eis a mulher — estylo Victor Hugo. — A mulher era a criada de Rosa. E disse-lhe : « Seja qual for a virtude d'esta rapariga, quero que ella esteja aqui hoje de noite, antes de elle ir para os Bouffes. Eu mesma quero vestil-a, arranjar-lhe a cara, riçar-lhe o cabello, branquear-lhe um pouco os braços e as mãos, dar-lhe ares de gente, ensinar-lhe maneiras distinctas, e depois o uso, como hade então estar digna de ti, meu caro tu irás ceiar com ella no n. 12 do café Inglez ». O sujeito queria comprehender, mas eu disse-lhe : « Isso não é da tua conta. Faz com que, á uma hora da noite, a mulher esteja alegre e amorosa ; hade abrir-se a porta do gabinete, tu hasde tomar uns ares de Pachá de volta de Paphos ; quero offerecer esse espectaculo a um dos meus amigos Tenho dito ». Acreditam que o homem poz-se com partes !

— E tu admiras-te d'isso ? disse o principe.

— Admira-me, sim, que se receba quinhentos francos por ter o trabalho de ir ceiar. Atirei-lhe a nota, elle

amarrotou-a com desdem, mas metteu-a no bolso.—Está tratado, disse elle, darei a essa rapariga os quinhentos francos.—

— E accrescentou com ares de grande senhor desabusado : — Sem que isso me obrigue a cousa alguma.

De todos os convivas, o unico que estava com verdadeira curiosidade, era Jorge d'Aspremont. Sabia emfim a causa da morte de Mlle. de Marcey.

Quiz disparatar, mas conteve-se.

— Como o senhor está pallido, disse Lucia que olhava para todos para ver se lhe prestavam attenção.

— Estou ouvindo, disse o conde. É bonito, continúe.

— Não é verdade que foi uma linda invenção? Bem sei que no tempo dos Romanos houve uma historia identica, — Valeria, tragedia em cinco actos, em verso, representado por Mlle Rachel ; — no tempo de Luiz XVI, houve a celebre comedia do collar.

Eu tambem quiz crear uma situação para os autores dramaticos futuros.

— E então, perguntou o principe, o que aconteceu ?

— O que aconteceu! á uma hora da noite passei com Gontran, a porta do n. 12 abriu-se, e nós vimos a seguinte tocante quadro : uma creada, e quem eu ensinára o modo de estar, a dar ao leque em companhia de um ex-janota.

— E que disse Gontran ?

— Gontran! Ficou curado no mesmo momento da

mania de casar. Enganei-me, tornou a pedir a minha mão e eu conduzi-o ao meu leito nupcial.

Lucia tinha contado esta historia — que arremessou ao tumulo Mlle. de Marcey com os seus vinte annos e o seu amor, e que n'aquelle mesmo dia foi a causa da morte de Gontran, — com a desenvoltura de uma mulher que tivesse visto aquillo no theatro ou que o tivesse lido no *Figaro* ou no *Gaulois*.

Nem uma intonação do coração, nem uma expressão d'alma!

No entanto Jorge d'Aspremont tinha-se levantado, pallido, terrivel.

— Porque se levanta? perguntou-lhe Lucia com ar distrahido, sem prever nem de longe o que elle ia dizer.

— Porque me levanto! exclamou elle, porque esta meza é maldita!

Levantou a toalha e fez cahir os copos de quatro ou cinco convivas.

— O senhor está doido! disse o principe, levantando-se tambem.

D'Astremont atirou-lhe com o guardanapo.

— Porque me levanto! repetiu, não querendo responder senão a Lucia, vou dizer-lh'o. Vim aqui porque vou a toda parte; mas não quero demorar-me ante a calumnia que mata. Eu sabia que a senhora era cruel a sangue frio, mas não sabia que era homicida. Sabe o que fez com a sua odiosa comedia do Café Inglez? Matou

Mlle. de Marcey. E foi porque a senhora matou Mlle de Marcey que Gontran Staller se suicidou hoje de manhã.

Lucia sentiu-se abalada vivamente por essa apostrophe.

Tentou mascarar a emoção com um sorriso.

— Náo ria! gritou-lhe desesperado Jorge d'Aspremont.

Correu para ella como uma besta féra; estava fóra de si, tel-a-hia esmagado debaixo dos pés; mas embargaram-lhe o caminho.

— É preciso mettel-o na camisola de força, disse Lucia.

E correu a refugiar-se, sempre sorrindo, nos braços do principe.

D'Aspremont tomou um punhado de sal e atirou-o em torno de si em signal de maldição.

— Maldita seja a mulher e maldita seja a casa! disse elle arrastondo, com um olhar altivo, o principe que, exasperado, avançava para elle.

CAPITULO V

O QUE É A FELICIDADE?

Para edificação das ambiciosas, contarei a decadencia de Lucia. É um quadro capaz de fazer empallidecer os mais scepticos.

Para as actrizes e as cortezãs, a vida em Paris é tão rapida e tão agitada que ellas nem tem tempo de olhar para traz.

São sempre arrastadas por todas as correntes e todos os turbilhões. Como todas as suas eguaes, Lucia não gastava uma só hora em estudar-se. O que ella menos conhecia, era o proprio coração; do que ella menos sabia, era do estado de sua alma. Era como os viajantes que fogem sempre de casa para percorrer as estalagens das quatro partes do mundo: quando por accaso voltam ao lar já nem se conhecem.

Este viver sempre fóra de casa não bastava a felicidade

de Lucia, mas não ha remedio senão seguir cada uma o seu destino, é preciso fazer o que todos fazem.

Fazer o que todos fazem, para Lucia, era levantar-se ao meio-dia, almoçar quasi sem sentar-se á mesa, correr para o ensaio passando por casa de Worth, não se fazer esperar senão meia hora, apparecer no Bosque, arrastar a cauda do vestido á beira do lago, jantar as pressas, correr á scena depois de ter corrido pelas ruas, emfim cear em casa ou em casa dos outros, porém nunca só, algumas vezes a dous, outros em companhia numerosa, para acabar jogando.

E os dias em que não tinha espectaculo não eram dias de descanço; depois da comedia do palco, a comedia do amor. E para esta, não havia ponto. Lucia nunca tinha tido o luxo de estar sem trabalho, porque precisava sustentar a casa e a cavalhariça. Ficava furiosa quando ouvia gabar o trem d'esta ou a mobilla d'aquella outra. Não lhe bastava ser afamada pela belleza, queria sel-o tambem pelo luxo. Em meio de todas essas allucinações do orgulho e de todos esses cuidados das steeplechase da paixão, como achar tempo para olhar para o seu intimo? Onde iria parar aquella carreira? seria o alvo a felicidade? Oh! meu Deus, de certo que não, ella o que fazia era obedecer á lei fatal do movimento. E d'ahi talvez ella imaginasse que a felicidade consistia em enraivecer as rivaes com a sua casa, os seus cavallos e os seus diamantes, e, ia-me esquecendo, o seu talento,

porque ella tinha-o como todas as mulheres de vontade.

No entanto, um dia em que estava só em casa, teve o prazer de visitar-se: passeou lentamente pela casa toda, desde a estufa até a estribaria, parando em toda a parte e em toda parte dizendo: *isto é meu*; mas depois de repetir a si mesma vinte vezes esta phrase, viu que isso não era felicidade. A felicidade consistia pois em representar comedias e ter um publico idolatra.

— Não, disse ella ainda, não é tambem isso, porque esse publico idolatra não é meu o publico do Theatro francez, nem o da Opera, nem o dos Italianos, nem mesmo o dos theatros inferiores a esses, é o publico de uns theatros que não são theatros: Por mais que ella fizesse, nunca a tomariam a serio. É certo que ella quiz fazer crer que tinha cantado na Italia porque passou um inverno em Milão e em Veneza com o amante, mas conheciam-a bastante para lhe darem credito mesmo quando ella fallava verdade.

— No fim de contas, disse ella de repente n'esse dia, não vale a pena; e se alguem pensa que eu me divirto porque possuo isto tudo, engana-se, só ha uma cousa capaz de fazer a felicidade, é o amor.

Suspirou e disse:

— Mas o amor não está as ordens de todos, tratei-o mal e elle não volta.

Atirou-se desanimada a um canapé e poz-se a pensar

no tempo em que não tinha nem um soldo e era feliz. Lembrou-se d'aquelle folgazão pintor, Eugenio Deschamps, que a amava um pouco e que ella amava muito. Em bellas manhãs quando ella fazia de Venus ou de Diana, vestida apenas com o seu pudor, e apprendendo a arte de ser bella em suas transfigurações.

— Ah! se elle quizesse, disse ella, como eu me teria agarrado a elle! Teriamos vivido de nada, mas viviriamos da felicidade!

E admirava-se de que aquella detestavel officina de pintor, mobiliada só por maus quadros, lhe désse a miragem do paraizo. É que lá vivia o amor com a sua rainha encantada, ao passo que em sua casa cheia de riquezas, mas queria que lhe fallasse ao coração.

Enganei-me, causava-lhe vivo prazer um retratinho d'ella feito pelo amante. Era um simples esboço, mas o pintor tinha apanhado o *não sei que* que faz a semelhança e o encanto. Porém ella lhe dissera: Não o retoques, não ficaria tão bonito.

Lucia entregou-se com delicia a essa querida recordação.

— Emfim, disse ella, talvez eu torne a amar. Tenho inspirado muitas paixões, tambem hei-de prender-me. Amei talvez um pouco Gontran, mas o que sei bem é que não amo o principe: parece-me que é um retrato que tenho pendurado na parede. E por desgraça elle desce muitas vezes do quadro.

Passou em revista todos os amantes e apaixonados, mortos e feridos, mas principalmente os vivos. Pensou em Eugenio Deschamps; mas esse era sceptico em amor.

Lembrou-se que, na vespera, á ceia em casa de uma amiga, tinha sentido grande emoção ouvindo cantar um senhor Carlos Abelle que fallava em fazer a volta do mundo na pista de Capoul.

— Se eu fosse correr mundo com elle, disse ella, como se precisasse de uma grande distracção.

Esse Carlos Abelle tinha lhe dito que a adorava, porque não havia de de ser verdade? Elle era bonito e cantava, porque o não havia ella de amar?

Bateram á porta:

— É o destino que me manda alguem para jantar comigo, disse Lucia.

O creado annunciou o sr. Carlos Abelle.

Quando Lucia lhe estendeu a mão, murmurou:

— É o amor que chega.

Mal pensava, ella que tinha feito morrer Gontran Staller e que Carlos Abelle, por sua vez, lhe trazia a morte no amor.

— É admiravel, disse Lucia fazendo-lhe signal para sentar-se perto d'ella, como o sr. se parece com o meu primeiro amante.

— É admiravel, disse Carlos Abelle no mesmo tom, como a senhora se parece com a minha primeira amante.

— Está gracejando.

— Não, não gracejo; ella era loura, a senhora é morena; ella era baixa, a senhora é alta; ella era estupida e a senhora tem espirito; mas eu amava-a e hoje amo á senhora, e ahi está em que se parece com ella.

Lucia achou bonito o que elle disse. E como Carlos Abelle acompanhou atrevidamente essas palavras com um beijo, ella murmurou empallidecendo.

— Eu te amo!

IV

PORQUE AS MULHERES PERDIDAS NÃO TEM FILHOS.

Abramos a porta de Lucia.

São tres horas; uma mulher, moça com uma menina ao collo, entrou no quarto de Lucia. É sua irmã Colombina, casada ha um anno.

Lucia passou a noite em uma ceia. Dansou e jogou; só se deitou de manhan: estava accordando nesse momento.

Colombina sente-se suffocada pelos perfumes que envenenavam a casa de Lucia. Respirava-se ali ao mesmo tempo fumo de charutos, agua de Lubin, rosas e violetas murchas, vinagre dos *quatro ladrões*, *pó á marechale*. É a vida artificial.

Colombina vem a casa da irmã movida pelo sentimento da religião e da familia. Ainda uma vez vem tentar arrancal-a das delicias e dos horrores da vida de cortezã.

Lucia ficou alegrissima por ver entrar a irmã. Saltou da cama para beijal-a.

Abraçou-a e deixou cahir lagrimas de alegria era adoravel e risonha a carinha da criança.

— Minha querida Lucia, disse Colombina, antes de ter meu filho fiz uma promessa, jurei a Deus salvar-te.

Lucia olhou para a irman com surpreza. Parecia não comprehender.

— Jurastes salvar-me! Mas eu não estou tão perdida como tu pensas. Dir-se-hia que me vens ver no hospital.

— Ah! minha Lucia querida, teu corpo está em um palacio, mas teu coração está no hospital; como perdes-te a altivez precisa para comprehender isto?

Lucia levantou a cabeça. Indignou-se, mas conteve-se.

— Já pensei n'isso, mas ainda é cedo, sou tão moça;

— Pois faz ao dever o sacrificio de tua mocidade. Peço-te em nome de minha mãe, em nome de minha filha.

E Colombina, mais meiga ainda:

— Olha, Lucia, minha felicidade não será completa emquanto os jornaes apregoarem por toda a parte os teus altos feitos. Meu marido tem o bom gosto de me não fallar de ti, mas desgosta-se com o que tu fazes.

— Como se eu lhe mandasse as minhas contas para que elle as pagasse!

— Seria bem capaz de as pagar se tu te compromettesses a não fazer mais loucuras,

— O que é isso! Bem se vê que tu tens o casamento para te distrahir: eu só tenho o amor. Mas só socega, brevemente rompo esta vida, de um modo digno de ti. Amo. Nem mais uma palavra!

— Lembra-te, Lucia, que eu fiz uma promessa a N. S. da Victoria.

Conversaram durante meia hora; brincaram com a menina, beijaram-se e nada mais disseram a esse respeito.

Quando Colombina sahiu, Lucia poz-se a pensar passeando.

— No fim de contas, disse Lucia, parece-me que ella não se diverte muito com a felicidade. Eu amo o meu amante, mas se fosse obrigada a amar só a meu marido, não lhe acharia graça nenhuma, mesmo nenhuma. A vida de familia, *zut*!

Zut! é a exclamação mais eloquente de Lucia. É com esta palavra que ella accentua seus melhores periodos.

— No entanto, disse ella é uma verdadeira alegria trazer uma creança ao cóllo!

E deitou-se tristemente.

— É, mas eu nunca heide ter filhos! As mulheres perdidas são como as arvores dos tropicos que dão flores, mas não dão fructos, porque o sol queima-as

BIBLIOTECA MUNICIPAL "ORIGENES LESSA"
Lençóis Paulista - SP

VII

UM AMANTE POR AMOR.

A princeza de ··· deu uma reunião cantante. Lucia foi convidada « para cantar » ; ao menos foi por isso que lhe mandaram quinhentos francos para pagar as luvas e o carro, conforme a expressão consagrada.

— Quinhentos francos! disse ella são para a minha creada.

N'esse tempo, Lucia gastava mil francos por dia e não se considerava paga com uma nota de quinhentos francos, mas nem por isso fechava a mão. O dinheiro para ella viesse donde viesse era sempre bemvindo.

Escreveo á princeza pedindo-lhe licença para levar comsigo o seu acompanhador Mr. Abelle. Já tinham fallado á princeza desse Abelle que ella estimaria muito que lá não fosse.

— Emfim, disse ella, talvez o tenham calumniado. E

demais, um acompanhador é quasi sempre um homem sem consequencia. Póde Mlle. Lucia trazer o seu.

Porque razão tinham calumniado Abelle? É que elle tinha sido acompanhador de diversas mulheres que não cantavam,— mas que elle fazia cantar — a fazer de amor. Para a cêra do santo!

No *Almanach das cinco mil moradas*, ha uma lacuna. É indispensavel consagrar uma pagina aos acompanhadores d'estas mulheres,— não me refiro aos musicos.— Elles tem um nome mais expressivo, mas o diccionario da academia, que anda sempre atrazado, não o referendou.

Carlos Abelle era filho de um advogado de ***, uma d'essas eloquencias de provincia que só fazem tremer o campanario. O velho Abelle tinha tres filhos, dous rapazes que elle destinava ao fôro e uma rapariga que destinava a um advogado. Tudo para a toga. A filha fez-se amasia de um estudante de medicina, o filho mais velho sentou praça aos dezoito annos nos dragões, e o mais moço que não quiz nunca estudar, a não ser musica, decidira que tinha vocação para a opera. Tomou licções de canto e piano. Aos vinte e oito annos veia dar com o nariz na porta da Opera e do theatro Lyrico, mas não desanimou dizendo que ainda que tivesse de correr o mundo inteiro havia de estrear,

E no entanto não estreou.

Em uma ceia dada por uma elegante, um de seus

amigos de collegio levou-o para o que desse e viesse. Isto é, se se aborrecessem pedir-lhes-hiam para cantar. Como era de esperar, aborreceram-se. Elle cantou. Até ali ninguem tinha dado por elle, mas a voz, que era realmente bôa, deu-lhe não sei que aureola, pelo menos aos olhos de Lucia.

Enthusiasmada, ella dirigia-se a elle, e comprimentou-o como o teria feito Mlle. Rachel a um laureada do conservatorio. Isso era commum de artista para artista, porque Lucia tomava-o a serio.

Toda a gente ria em torno d'ella quando a ouvia fallar com gravidade em Mario e Nilson, Faure e Patti, mas ha muito ella tinha-se habituado a tudo arrostar.

Ora, depois d'essa famosa ceia, Carlos Abelle « acompanhava » muito frequentemente Mlle. Lucia Moroni que já era celebre bastante para ir as reuniões da sociedade parisiense, nas noites em que Sars, Nilson e Carvalho tinham de cantar no theatro. Sabe-se que Adelina Patti não vae a casa alguma particular senão como marqueza de Caux. Como cantora, sua grandeza prende a aos Italianos de S. Petersburgo.

Lucia Moreau, que era agora mais que nunca Lucia Moroni, estava quasi em moda na sociedade que faz a transicção entre a sociedade elevada e a equivoca. Apezar de ter como cortezã chafurdado em todos os lamaçaes parisienses, o theatro que annistia a mulher perdida, refazia-lhe a virgindade. Trabalhava todos os dias em

scena por sua rehabilitação, tanto com a frescura de sua voz como com as poeticas figuras que representava. Esqueciam todos a pouco e pouco suas escorregadellas e e suas quedas, a proporção que ella subia para a arte. A força de amar, Magdalena foi perdoada : a arte tambem faz d'esses milagres. Lucia nem por isso se descuidava do seu amor ao ouro, disfarçado em amor ao luxo.

Tinha e entretinha sempre quatro paixões ao mesmo empo, como fazia com uma quadriga no bosque.

Havia sempre á roda d'ella a multidão dourada. Por cada amante que perdia, achava dous. Amantes de uma semana, amantes de um dia, amantes de uma hora ! Ella nem lhes sabia os nomes. Fazia como algumas donas de casa que chamam sempre ás cosinheiras Maria,— que é o nome mais commum porque é o mais bonito — Lucia chamava a todos os amantes Arthur. Com pequenas differenças, se era um Inglez, ella dizia *Arthurodei* ; se era um russo, *Arthurhoff* ; quando era um hespanhol, *don Arthur* ; quando era um Italiano, *signor Arthur*.

Mas o Carlos Abelle, só ninguem a ouvia, ella dizia *des Gieux*. E Carlos Abelle ia ao setimo céu. Porque se elle ambicionava ser um tenor celebre, era só com o fim de ser o amante que se esconde no guarda-vestidos.

Abelle devia vingar todos os desgraçados que Lucia tinha arruinado, devia vingar Gontran Staller que ella assassinara.

Esse homem tinha a alma mais depravada do mundo.

O máu vento do seculo tinho soprado sobre elle em flor e tinha-o devastado, como o turbilhão que não vem seguido pela chuva.

Abelle tinha bem cedo se desquitado de todas as crenças. Comparava a Deus a um soldado de policia. Dizia alegremente de seu pae advogado: « defende viuvas e faz orphãos. » De sua mãe nem uma palavra, a não ser que todas as mulheres eram perdidas. O riso d'elle era amargo, só tinha amor a si. Odiava a gloria dos outros, a fortuna dos outros, o amor dos outros. Teria corado se lhe sahisse um grito do coração. Se fallava em honra era para fazer boa figura, mas, em particular deixaria esbofetear sem vergonha o fantasma de sua honra.

Tinha amigos porque tinha dinheiro; dizia-se baixinho que era dinheiro de Lucia, mas o dinheiro não se desvirtua ante a indignação. Quando Abelle dava uma ceia na Maison d'Or, o vinho d'yquem, o champagne Jules Mumum não tinham todas as suas virtudes?

Uma noite, porém, um de seus amigos, um gracejador do genero d'elle, ousou dizer-lhe, quando lhe dava Clos-Vougeot:

— Fica-me vermelho o cópo e o rosto, porque é o dinheiro de Lucia que paga o vinho. Mas, já que está no copo, o que ha a fazer é bebel-o.

— Ora viva! disse Abelle. Meu amigo, come-se sempre o dinheiro de alguem. N'esta mesa, é o dinheiro da

amante, n'aquella o do marido, n'aquella outra o do accionista. Dispensa-me do resto da ladainha, sem fallar nos caixeiros que tem as mãos ligeiras.

— Pois sim, disse o amigo, mas teu pae que tem deffendido toda a casta de cousas más, talvez não deffendesse esta.

Lucia foi pois para á casa da princeza... com o seu acompanhador ordinario. Achavam que ella era muito bonita e que elle era muito bonito.

Olhando para elle de perto, via-se que não tinha a belleza das linhas. O nariz era um pouco curto, e muito accentuado, mas tinha olhos expressivos, bonitos cabellos e dentes alvos. Repararam que elle punha carmim nos labios e pó de arroz no rosto.

A princeza não poude deixar de dizer-lhe, quando Lucia o apresentou:

— Oh! senhor, pó de arroz!

Elle respondeu com um pontinho de impertinencia:

— É que eu vou no mesmo carro em que veio Lucia.

A princeza conteve-se para não mandar pôr na rua o « acompanhador »

Nos palacios e casas particulares, quando os actores ou cantores chegam, vê-se sempre correr alguns rapazes para os improvisados bastidores. Vê-se tambem arriscar-se a lá ir algumas mulheres famintas do pomo vedado. Em casa da princeza, Lucia teve grande roda. Como ella parecia esquecer-se que M. des Guieux estava

presente, elle lembrou-lh'o diversas vezes pisando-lhe brutalmente os pés. Ella recebia isso por conta da paixão. Porém um individuo que estava á escuta ouvira!

— Socega! estás-me pisando!

E foi d'ahi o bisbilhoteiro consolar um ex-amante d'ella, dizendo-lhe:

— Lucia achou um senhor. Vês aquelle sujeitinho, a quem só falta um grão de belleza para ser perfeito? pois ella treme em presença d'elle como tu tremias em presença d'ella.

— Eu nunca tremi por causa d'ella.

— Ora vamos! já nem parecias homem. Mas não te envergonhes, vi outros mais covardes do que tu ante as impetuosidades d'esta mulher.

Naturalmente Lucia obteve esse triumpho. Pagaram-lhe só quinhentos francos, era preciso dar-lhe outros quinhentos em bravos, ou em bouquet.

Abelle nada teve, nem um comprimento. Por isso logo que se achou no carro tomou o bouquet de Lucia e deitou-o fóra.

Indignada, ella atirou-se a elle como se o quizesse mandar atraz do bouquet. Porém elle agarrou-lhe nas mãos e torceu as. Tinha estado a conter o orgulho, o ciume e a colera. Fazia tudo explosão agora.

— Ah! tu pensas que eu havia de soffrer sem vingar-me de tantas humilhações.

Como ella não podia servir-se das mãos, servia-se dos

pés, mas encontrava valentes adversarios. Fez-se leoa. Mordeu a mão de Abelle. Elle provou-lhe que tinha mais força do que ella; disse-lhe com ar altivo:

— Adeus senhora!

Como o coupé ia a passo por causa da neve, elle abriu a porta e apeou.

— Adeus, senhora, disse elle.

Lucia fechou a porta do carro, e disse ao cocheiro que fosse mais depressa, embora désse cabo dos cavallos.

— Em fim! disse ella, respirando. Estou livre d'este homem! É uma fortuna! Estava a matar-me pouco a pouco. E eu tão doida que cuidava que o amava e que não podia passar sem elle.

Como algumas cortezãs Lucia tinha duas camas; a cama—de dormir e a cama d'estado.—A cama dos dias communs e a cama dos dias de festa. A cama dos mortaes e a cama dos deuses.

Quando chegou a casa, não sabia em que cama iria deitar-se. Olhou para uma e para outra como que a pedir-lhes um conselho.

— Infame Abelle! disse ella, que felicidade elle não estar aqui.

Mas achava em ambas as camas um certo ar de abandono que a gelava.

— Vou pois sustentar o luxo de dormir sósinha! Mas faz frio, parece-me que estes lençóes foram feitos de neve.

Teve uns arripios e disse á creada que espertasse o lume.

E emquanto a rapariga atiçava a lenha:

— Carolina, disse, tu sabes onde mora Abelle?

— Sei, sim senhora Mr. Abelle não vem hoje?

— Não. Estamos brigados. Não o tornarei a ver. Mas tinha curiosidade de saber o que fará elle esta noite. Corre á casa d'elle.

— A estas horas!

— Não é longe.

— E a senhora pensa que eu vou achal-o em casa! Eu conheço bem Mr. Abelle. É lá capaz de passar uma noite na cama d'elle!

— Tu não sabes d'isso, disse Lucia com impaciencia. Vae já ver se elle está em casa.

— A senhora sabe que para ir á rua de Pouthien é preciso passar pela rua de Beny onde mora a Trinta e seis Vertudes: creio que seria bom subir á casa d'ella.

— Está doida! as duas horas da madrugada. Vae com o lacaio.

A creada não replicou mais porque conhecia Lucia.

Logo que a creada sahiu, a cantora murmurou:

— Será possivel que elle vá a casa d'aquella rapariga!

E lembrando-se da luta no coupé:

— Pobre Carlos! disse ella, mordi-o até fazer sangue.

Já se não lembrava que Abelle tinha-lhe deixado as mãos roxas e os pés moidos.

A paixão subia-lhe de novo a cabeça. Tornou a chamar Carolina.

— Diz-lhe que me traga já as minhas cartas.

— E se elle não estiver em casa?

— Vae a casa d'essa mulher e diz que eu estou a morrer. É preciso que eu o veja.

Quando a creada chegou em frente da casa em que Carlos Abelle morava — todos os dias do meio-dia ás tres horas, o tempo preciso para mudar de camisa e escrever uma carta — elle chegava ao mesmo tempo, andando como um homem que não tem pressa de entrar para casa. Em caminho bateu a uma porta hospitaleira, mas a praça estava occupada. Consultava a memoria a ver se não tinha n'aquelle quarteirão alguma outra amante substituta para o consolar da falta da amante official.

Reconheceu Carolina.

— Que diabo fazes aqui a esta hora?

— Ando á sua procura.

— Para que?

— Ah! sim é lá com a senhora. Ella quer vel-o.

A criada poz-se a rir.

— Não se esqueça de levar-lhe as cartas d'ella, porque é esse o pretexto.

— Ah! Elle poz-se tambem a rir.

— As cartas d'ella! O que é a pretenção! Então ella imagina que eu faço collecção d'autographos? As

cartas d'ella ha muito que voaram com o fumo dos cigarros que eu fiz com ellas.

E tomando um ar tragico :

— Vae dizer a tua ama que eu estou aqui por minha vontade soberana e que não irei a casa d'ella senão á força de baionetas.

— Baionetas? Pois espere.

E Carolina, que tinha os braços robustos, agitou-os vigorosamente para ensinar-lhe o caminho. Elle quiz dar-lhe o troco, mas deixou-se bater porque o conteve o pudor : Carolina tinha os mais lindos seios que se tem visto, diziam os amantes de Lucia.

Quando elle chegou em frente da casa de Lucia precedido pelo lacaio e acompanhado pela creada, como um malfeitor entre dous policiaes, ouvio fechar uma janella.

Era Lucia que tinha estado anciosa na sacada.

Carlos Abelle não queria subir. Carolina agarrou-o e obrigou-o a subir de uma vez dous degráos, porque tinha mais força do que elle.

— Não, disse, querendo voltar. Eu não sei o que venho fazer aqui.

N'esse momento, a creada que o tinha seguro, viu apparecer Lucia na sacada.

— Senhora! Senhora ! gritou ella rindo, venha ajudar-me.

Lucia, que já dava ouvidos só á paixão, desceu a escada quatro a quatro e estendeu os braços ao amante.

— Pois devéras, disse ella cobrindo-o de beijos, tu não voltarias se eu te não mandasse buscar?

— Nunca!

— Sempre!

VIII

UM NOIVO DAS DUZIAS

Lucia era a mulher das conciliações. Quando as mulheres estão a mil leguas de distancia das auroras virginaes, quando tem passado sem vergonha por todas as estações do amor — do amor que desce, — procuram as emoções violentas, como os glutões que acabam por comer pimenta da Cayenna. Ella dissera adeus para sempre aos passeios amorosos, ás divagações sentimentaes, ás conversas á lareira. Procurava a tempestade, invocava o raio. Não era a primeira vez que Carlos Abelle lhe dava e que ella o mordia. Até ahi acabavam sempre por perdoar-se, saboreando a doida embriaguez da paixão.

O namorado conhecia a força do seu despotismo sobre Lucia. Era sempre ella a primeira a ceder. Elle vinha depois sem condições, mas quasi sempre como um cão,

que ainda mostra os dentes, mesmo depois que o affagam.

Lucia adorava o amante e tinha medo d'elle.

Se elle era senhor d'ella, não era senhor em casa, muitas vezes tinha de esconder-se. Quando se dava um jantar ao principe, elle não jantava em casa, mas Lucia dizia-lhe isto pouco mais ou menos: « Toma, meu lobosinho, aqui tens um luiz, tenho gente de fóra para jantar. Bebe á minha saude, eu beberei á tua. Vou aborrecer-me muito, mas tu hasde vir depois da meia noite. » Algumas vezes Lucia dizia: « Tu virás á noite a pretexto de me fazer cantar. » Carlos Abelle recebia o luiz como quem recebe um ordenado, sem humilhação. Ha paços d'estado.

Abelle lembrou-se um dia de entender que não zombava bastante de Lucia. Ella tratava-o muito levianamente em publico — e muito amavelmente em particular — resolveu arrancar a mascara e tomar outra posição, imaginando que podia ser um dom Juan ou um Lovelace.

Foi pouco tempo depois da scena do carro. Elle não queria voltar ás reuniões particulares para lá fazer um papel tão secundario. Entendeu que Lucia tinha já bastante dinheiro ou bastantes joias para poder pôr na rua todos os seus principes.

Uma noite que ella queria que elle ficasse e que elle queria ir ao baile da Opera, disse-lhe elle de repente:

— Eu estou prompto a sacrificar-te todas as minhas

aventuras — porque te amo — mas é preciso que tu me sacrifiques todos os teus amantes — porque eu tenho ciumes d'elles.

Esta declaração de principios foi direita ao coração de Lucia.

— Meu querido! disse ella, tu bem sabes que isso é impossivel. Eu não teria com que pagar as despezas da casa. E os cavallos e os vestidos! Queres que eu ande á pé! Queres que eu ande núa!

— Sim, hasde andar a pé e com um vestido de chita. Nem me opponho a que andes núa.

— Como Eva! mas Eva tinha peccado! Ah! meu amigo, tu não sabes quanto custam hoje as folhas de videira! Tu fallas-me em vestido de chita, de accordo. Mas um vestido de chita, se eu mesma o não fizer, custar-me-ha quinhentos francos de feitio.

— É verdade, disse Carlos Abelle, em tudo o feitio é que arruina; mas emfim tu deves ter algum dinheiro no banco ou em casa de algum tabellião.

— Ah! meu amigo, pouco mais de nada. Acreditas que com todas as minhas boas fortunas, apenas tenho vinte e cinco mil francos de renda.

— Já é alguma cousa, com os teus diamantes e a tua casa.

Lucia julgava que nada era.

— Meus diamantes! Pois tu imaginas que eu os vou vender? Olha, o proverbio diz. « A honra é um diamante

que a virtude traz no dedo.» Quando a gente não se chama — virtude — precisa usar outros diamantes.

— Ha mulheres bonitas que não tem senão adereços o que as não impede de ir a toda a parte.

— Tu és tolo! quanto mais se descobre que os diamantes que ellas trazem são falsos tanto mais se sabe que ellas são honestas. Mas o que veriam debaixo de uma pedra falsa, se olhassem para mim? Uma mulher perdida, que já perdeu tudo.

Abelle movia o charuto.

— Se tu me amasses um pouco, bem me podias sacrificar a tua casa.

— Minha casa? Mas onde queres tu que eu more? Vae ver os palacios d'essas mulheres. Assim eu nem tenho lugar para os meus vestidos. Meus cavallos estão em um subterraneo. Os criados moram no celleiro.

— Minha querida, tu não sabes o que estás dizendo. A tua casa vale trezentos mil francos, se tu a vendesses, terias mais vinte mil libras de renda. Que digo! cincoenta mil nos emprestimos estrangeiros.

— É verdade, murmurou Lucia, que se me abandonasse por um momento as ideas do casamento, eu seria então um bom partido. E tu pedias-me em casamento?

— Talvez, mais tarde ou mais cedo.

— Tome cuidado, olhe que ha hypoteses sobre a minha casa e sobre o meu coração.

Lucia reflectiu com orgulho que já havia em Paris mais

de uma actriz casada muito á moda na melhor sociedade. Lembrou-se de todas os cantoras que se tinham casado e que se tinham tornado senhoras distinctas. Reflectiu que tudo esquece. Mas não sabia a velha maxima que persegue a perdida até a sepultura: « A belleza passa, a peccadora fica. »

— Sabes, disse ella pegando nas mãos de Abelle, que eu sou capaz de fazer uma loucura por ti! Ah! como o amor transforma uma mulher! Já não me reconheço.

E Lucia recordou-se que outr'ora não gostava de viver senão em meio de barulho. Lucia que uma festa succedia a outro, a orgia á orgia. Sua athmosphera era a traição; tinha quatro amantes ao mesmo tempo. Amava-os uns contra os outros; queria que se batessem e se arruinassem por ella. Hoje todo esse ruido aborrecia-a. Só tinha um cuidado: ter uma hora para estar só com o amante. Por isso dizia-se no mundo elegante, que ella estava perdendo a graça. Ninguem se lembrava de attribuir isso ao amor. Não acreditavam que ella cahisse n'essa « asneira. »

— Pois bem, meu amor, heide pensar n'isso, disse ella banhando os olhos nos olhos de Carlos Abelle.

— Heide pensar n'isso quando já fôr tarde.

— Que queres dizer?

— Quero dizer que estou farto de humilhações. Si o

meu amor me tem dado forças para supportar todos esses dissabores. Eu não sou nenhum pobre diabo.

E Carlos Abelle recordou complacentemente que tinha sido bem educado. Um dia que elle foi entregar ao pae o premio de honra que tinha ganho no lyceo, a mãe disse a chorar: — « Eu sempre disse que elle havia de ser a honra da familia. » —

— Se não fosses tu, disse elle beijando Lucia, eu abandonaria a musica, iria outra vez para a eschola de direito e seria um advogado celebre.

— Isso sim, disse ella, porque tens lingua de ouro e lingua de serpente.

— Por desgraça, minha Lucia, quando te vejo só tenho forças para cahir em teus braços.

Abelle não pensava nem uma palavra d'aquillo que dizia. Já nada tinha a esperar da familia. Não tinha coragem de reclamar da sociedade o seu direito ao trabalho. Tinha affeminado o caracter a ponto de o perder de todo. Era um homem ao mar — ou á mulher — o que ainda é peor.

Tinha vencido Lucia, a invencivel. Roubava, devastava como se tem conquistado. Não queria perder outra vez terreno. Mas n'esse dia, por mais que fizesse valer os seus direitos, e que lhe falasse de caricias e vinganças mostrando-lhe sorrisos e dentes, Lucia disse-lhe que o amava a morrer, mas que estava muito acostumada ao luxo para abandonar a sua vida dourada. Repetia sempre

que as suas amigas ficariam muito contentes se ella lhes não roubasse os amantes.

— Pois tu, dizia ella, não te ufanas de ter por amante uma mulher que tem uma côrte de principes ! uma mulher que faz curvar todas as cabeças aos seus caprichos.

— Tenho ahi muito de que me ufanar, disse Carlos Abelle. Quando um d'esses brutos apparece, tenho eu de desapparecer. Mas hei de vingar-me. Mais dia menos dia hei de pisar-lhes os brazões.

— Eu tambem, toleirão, piso nos brazões d'elles. Mas não te esqueças que são de ouro,

IX

UM BOM PRINCIPE

Sujeitando-se a um senhor, Lucia quiz augmentar o numero de seus escravos. Explico-me, quiz vingar-se dos caprichos de Abelle sendo mais caprichosa com os outros. Tornou-se arrogante com o principe e com os outros seus apaixonados, tanto mais quanto n'este tempo alguns jornalistas fallaram muito no seu talento e na sua belleza. Julgava-se ella então mais irresistivel do que nunca.

Tinha graça vêl-a, no theatro, no bosque, nas ceias a distribuir sorrisos mais ou menos expressivos com ares de duqueza.

Comediante de terceira ordem no theatro, era ella grande comediante em casa; tinha a habilidade de ter quatro amantes ao mesmo tempo, como sabia guiar uma e outra vez por divertimento em dias de corrida o carrinho de um de seus amigos d'além-Mancha.

Jogava bem porque sabia esconder o jogo que tinha. Para a generalidade dos martyres, ella só tinha um amante, o principe. Mas na verdade, o principe, só o que fazia era dar tom á casa, o principe dava o titulo a essa commandita de amor em que entravam muitos accionistas. A força de Lucia consistia em nunca estender a mão; ao que ella dizia, o principe era inesgotavel em suas prodigalidades; innundava-a de diamantes, mas, dizia ella entre parenthesis, que o principe tinha um gosto barbaro e que só os francezes sabiam dar joias que se pudessem usar; e ahi está porque ella não recusava certos presentes, quando eram bons. Nunca se esquecia de dizer que era um sorvedouro de dinheiro, que quanto mais se lhe dava mais lhe faltava. E mostrava a mãosinha torneada para provar que não tinha dedos de gancho. Ao jogo dizia ella que sempre perdia, mas roubava sem cerimonia os parceiros de modo que gozava, graças aos seus muitos recursos, de trezentos e sessenta e cinco mil francos de renda, porque gastava mil francos por dia, segundo as contas officiaes do seu guarda-livros.

Mas um piparote do accaso podia deitar por terra o fragil edificio dessa fortuna ganha dia por dia. A unica cousa que possuia era a casa e os diamantes e ainda assim tinha sempre cem mil francos de joias no Monte de Soccorro. Dizia que isso era o seu capital mobilisado. Mostrava ás vezes as cautelas para influir os amantes,

porém mesmo os mais apaixonados gostam de arruinar-se a varejo, e não por atacado. Dão sem contar—depois de ter contado um punhado de notas do banco, bem amarrotadas; — mas preferem dar dez vezes dez mil francos a dar de uma vez só cem mil.

Tudo correu bem até o dia em que foi de notoriedade publica que Lucia tinha um amante de coração, e que o impunha até nas ceias a que ella ia para ganhar dinheiro. Na alta sociedade elegante ninguem se indigna por vêr uma mulher passar de mão em mão como ordem á vista que se torna melhor á força de assignaturas, mas não se consente que uma mulher se degrade. A gente é da sua roda ou não o é, Lucia foi em breve condemnada á reprovação social, graças a esse Carlos Abelle que andava por toda a parte agarrado á cauda dos vestidos d'ella. Elle por mais que puzesse tacões altos para parecer grande, por mais que fosse umas vezes humilde e outras impertinente, não conseguia tomar familiaridade com a gente de boa roda. Elle vingava-se d'isso em Lucia que por tabella se vingava n'elles, até o dia em que se decidiu entre algumas d'essas mulheres não tornar a vêr Lucia com o amante, nem ir mais á casa d'ella emquanto elle lá estivesse.

Essa decisão que em breve se tornou official foi a ruina de Lucia em pouco tempo, porque ella não quiz romper com Carlos Abelle para readquirir suas amizades. O principe, que era bom principe, veio vêl-a como de

costume, porém ella ficou cada vez mais só. Elle fez-lhe algumas observações, fazendo-lhe vêr que ella não tinha com que sustentar um amante de coração.

— Eu bem sei, meu caro principe, disse-lhe ella, que o senhor ainda me não deu dinheiro para tanto, e por isso não tenho um amante de coração, tenho um amigo que toca e canta commigo, que me acompanha ao piano quando eu vou cantar fóra...

— Perdão, interrompeu o principe, elle não a accompanha só ao piano; dir-se-hia que a senhora perdeu a sua sombra e que elle anda á procura d'ella; mas emfim eu não tenho o direito de a reprehender. Quiz apenas avisal-a. Se esse Carlos Abelle não é seu amante, não consinta que elle esteja aqui como quem está em sua casa; se é seu amante, tanto pe'or para a senhora; mas não fallemos mais n'isso, porque pode a senhora pensar que eu tenho ciumes e eu não sou tão tolo que caia n'essa.

— Pois bem! exclamou Lucia com impaciencia, direi a M. Abelle que não venha mais aqui senão á hora das lições.

— Está bom, disse o principe pegando no chapéo, mas agora não se vá pôr a dar lição o dia inteiro.

Quando elle sahiu, Lucia fez um rapido exame de consciencia.

— É verdade, disse ella, o que diz o principe e o que dizem todos. Carlos ha de perder-me. Mas... eu amo-o.

X

UM DUELLO ATÉ O PRIMEIRO SANGUE

Carlos Abelle não esperou muito tempo occasião de vingar-se, porque estava mollemente reclinado sobre os joelhos de Lucia, quando annunciaram o principe Matjewski.

— Vai-te embora, depressa! disse ella.

— Não vou! respondeu elle.

Este *não vou* foi dito com tal intonação de vontade que inquietou Lucia.

Tinham-se levantado ambos. Ella passou-lhe docemente os braços pelo corpo e foi levando-o para a porta.

— Não! disse elle outra vez, enraizando-se no tapete.

— Lembra-te de quanto o principe me tem dado e de quanto me pode dar ainda! Eu te peço, meu amor, vae-te embora ou senta-te ao piano.

— Ao piano !

Não se pode dizer com que expressão Carlos Abelle exclamou « ao piano ! »

Abriu-se a porta.

— Meu caro principe, disse Lucia, não corri ao seu encontro, porque estava estudando com o meu acompanhador.

O principe passou altivo por Carlos Abelle sempre enraizado.

— Lucia chama a isto estudar, disse o amante com ironia.

O principe julgou que tinha ouvido mal. Sentia-se quasi indignado por ouvir um pianista fallar da sua deusa com tanta familiaridade.

A comediante tentou deitar um pouco d'agua no vinho de Matjewski e de Carlos Abelle.

— Elle tem razão, disse ella, eu estava hoje indisposta. Fiz perder a paciencia ao piano e ao pianista.

E deu um passo para o amante — o de coração.

— Adeus, meu amigo, não me queira mal. Volte breve.

Mas Abelle conservava as raizes no chão.

— Não, minha senhora, disse elle alto, eu não volto.

— Pois sim ! disse o principe irritado, passa-se bem sem a sua pessoa, senhor pianista. Supponho que hade haver em Paris um segundo acompanhador.

— Sim, senhor, disse Carlos desabafando, um segundo

acompanhador, para me servir de *segundo* e castigar a sua impertinencia.

E como o principe olhava para elle sorprehendido:

— Eu sei servir-me do piano, mas sei tambem servir-me de uma espada! continuou elle.

— Está doido, disse Lucia ao principe, não faça caso.

— Eu não estou tão doido assim, a senhora é que está perdendo a cabeça. Fica entendido, senhor, que nós vamos bater-nos?

— Ora deixe-se d'isso, eu não sou Dom Quichotte, não me bato com pianos. Vá divertir-se com os seus iguaes.

Carlos Abelle arrancou as raizes e moveu-se na direção do principe.

— Ah! não quer tomar-me ao serio! Pois bem, ordeno-lhe que saia, porque eu estou aqui em minha casa.

— Em sua casa! Foi o senhor quem pagou esta casa? acaso não é d'esta senhora?

O des-Griex sentiu-se um pouco desmontado. Mas não deixou de responder.

— Lucia está em casa d'ella e eu estou em minha casa, posque ella é minha amante e eu sou amante d'ella.

O principe pegou no chapeu que tinha posto em cima do piano.

— Não creia, disse Lucia fóra de si.

O principe affastou-se em silencio sem voltar a cabeça.

— Bater-nos-hemos, não é assim ! disse Carlos Abelle.

E com um cynismo que só Juvenal poderia descrever :

— Não pode recusar bater-se comigo, porque nós servimos ambos no mesmo regimento.

Lucia tinha tocado a campainha. Entrou um criado.

— Acompanhe este senhor, disse ella, indicando Abelle.

O criado não entendeu bem e sahiu atraz do principe que tinha passado o limiar da porta.

Quando Lucia e o amante ficaram sós, encararam-se como duas bestas feras prestes a obedecer á sua colera.

Não disseram uma palavra, porque não achavam expressões bastante energicas para aquella situação.

Lucia, como um tigre, avançou primeiro.

— Pois bem ! gritou ella, eu mesmo te farei sahir !

Quiz arrastar Carlos Abelle. Tinha-o já marcado com as garras. Elle, mais cruel, continha o furor, por ter mais certa a vingança. Mas, como ao primeiro bote Lucia tinha-o feito recuar tres passos, agarrou-a pelos braços e atirou-a ao chão.

Ella levantou-se com os cabellos em desalinho; enroscou-se a elle como uma serpente.

O creado tinha voltado julgando que o tinham chamado outra vez; comprehendeu o que se passava e fechou prudentemente a porta sem apparecer.

Carlos Abelle quiz soltar os braços de Lucia. Mas, como ella batia-lhe nas pernas com o tacão das botinas, elle apertou-a com as duas mãos como se fossem tenazes de ferro.

Foi horrivel! Se eu não quizesse demonstrar aqui as abominações d'esses amores que são a vergonha do amor, passaria em silencio estas repuguantes scenas. Mas convém que se saiba a que inferno descem essas condemnadas da paixão, que nunca mais poderão ir matar a sede ás fontes vivas.

Quando Abelle quiz atirar Lucia outra vez ao chão, cahiu com ella. Rolaram juntos pelo tapete, escumando de raiva, querendo matar-se, achando ainda em si lavas de desprezo.

Emfim, levantaram-se.

— Ah! d'esta vez, disse Lucia, está tudo acabado!

Carlos Abelle tinha-se chegado ao espelho para examinar as avarias. A camisa estava em pedaços; tinha uma unhada na face, os cabellos estavam na mais linda desordem. Torceu o bigode como a interrogar-se o que faria. De repente levantou a mão para tocar a campainha.

— D'aqui a pouco, disse Lucia, dê-me tempo para endireitar-me um pouco.

Tinha o vestido branco todo amarrotado, poz-se a alisal-o com a mão.

— Para que quer tocar a campainha?

— Quero que me tragam aqui a minha capa.

— Achal-a-ha na ante-sala.

— Quero sahir d'aqui, minha senhora, com todas as attenções que me são devidas.

— Sim, com todas as attenções devidas a um — pianista.

Não era isso que ella queria dizer. A prova é que Carlos esteve quasi a encolerisar-se.

Carlos tocou, — arrancando o cordão da campainha.

Lucia sentou-se a toda a pressa ao piano, pensando que ainda não sabiam em casa que ella se tinha batido com o amante.

Trouxeram a capa a Abelle.

— Adeus, minha senhora, disse elle depois que o creado sahiu. Caiam sobre a senhora todas as vergonhas que eu traguei n'esta casa.

— Vá, ande, que hade tragar muitas outras.

Lucia acompanhou esta resposta com uma aria d'Offenbach.

— Eu tambem, disse ella, sei acompanhar canções.

Abelle tinha chegado á porta. Bem se podia julgar que já era demais, que essas duas naturezas pervertidas não poderiam mais encarar-se sem raiva, que nunca mais o amor os uniria em um mesmo amplexo.

Porque é que d'ahi a uma hora, Lucia previnio ao seu mordomo que « Mr. Carlos Abelle » ficava para jantar? . Carlos Abelle não se contentava com qualquer jantar, gostava de gulodices, truffas e doces; que o vinho de

Champagne estivesse bem gelado ; guardava-se só para elle vinho de Constança, para que nunca lhe faltasse. Era ordem passada na cosinha.

Abelle tinha ficado em virtude da lei d'essas pasmosas paixões que bebem á força na propria ignominia.

O jantar foi delicioso. Lucia beijava sem vergonha em presença dos creados a face que pouco antes arranhára.

— Está mais gostosa, dizia ella.

E accrescentava, com o tonico do perdão :

— Mas tu fizeste-me muitas manchas roxas.

— E estou eu, disse melancolicamente Abelle, com um duello em perspectiva.

— Pois não ! disse Lucia conchegando ao seio a cabeça do amante como que para defendel-a da espada do principe. Se o principe tivesse ficado, sim. Se eu tornar a vel-o, dir-lhe-hei que o duello teve lugar entre nós dous.

— É verdade, a ti o primeiro sangue.

Estavam a beber Constança.

— Sabes, disse Lucia, que eu vou representar hoje, mas deixo-te fechado no meu quarto, com livros, jornaes e esta linda garrafa que tem tão boa cara.

— Pois sim, disse Carlos vendo o que restava na garrafa, mas não te esqueças dos charutos.

— Não. É demais tambem sabes que aqui és o senhor.

Quando Abelle ficou só no quarto de dormir de Lucia lembrou-se destas palavras.

— Tem razão, sou senhor aqui, disse elle. Não o heide esquecer.

E com um sorriso :

— É como na guerra, convém dar batalha e tomar a praça de assalto.

No dia seguinte de manhã Lucia disse ao amante que nunca tinha sido tão feliz.

— Ainda o serás mais quando eu tiver pisado todos os teus principes como fiz ao de hontem.

— Hasde deixar-me um, disse ella. Um que só hade vir a minha casa nos dias de chuva.

— Pois sim, se elle se portar com juizo, disse cynicamente Abelle.

XI

DIVIDAS DE JOGO E DIVIDAS DE CORAÇÃO

Passou-se algum tempo. Dizia-se que Lucia não appàrecia porque estava apaixonada como uma loba pelo homem a quem chamava o seu lobo.

Ora Carlos Abelle era o máu genio d'ella. Aconselhou-a a não reformar o contrato no Atheneu. Ella tinha lá um ordenado ridiculo, mas uma cantora sem theatro é uma estatua sem pedestal.

Pensou-se que Lucia ia deixar de cantar. Ella tinha sempre tido mais voz do que methodo, e por isso nunca a tinham tomado ao serio. A cortezã escorava a cantora como a cantora escorava a cortezã. Quando a cantora cahiu, a cortezã cahiu tambem das suas alturas.

Abelle tinha-lhe concedido receber um ultimo principe nos dias de chuva, era sempre o principe Matjewiski, mas esse tambem deixou de vir mesmo nos dias em que fazia bom tempo.

Ella vendeu o seu ultimo diamante não podendo decidir-se a abandonar o luxo em que vivia.

Foi Abelle o encarregado de vender o diamante a pretexto de que Lucia não entendia de negocios. Era uma admiravel pedra em forma de pera que a comediante tinha guardado em seu museusinho de joias, uma verdadeira pêra para os dias de sede.

Tinha-lhe sido dado por um principe moldavo que nem lhe sabia o valor, herança de familia, de ha muito condemnado a não correr mundo. Já agora deforrava-se.

— Oitenta mil francos! disse Carlos contentissimo, voltando de casa de uma mulher da moda.

E abanou a amante agitando oitenta notas diante do olhos d'ella.

— Não ha motivo para rir, disse Lucia. Tenho vontade de chorar, parece-me que me arrancam o coração.

Pegou nos bilhetes.

— O que é isto? trapos! Tenho deitado tantas fóra!

— Valha-me Deus! disse Abelle, eu quizera ter apanhado alguns. Tu sabes que tenho dividas impertinentes.

— Dividas, tu, meu lobo! Porque m'o não dissestes ha mais tempo?

Lucia reflectiu:

— Mas diga-me, meu caro senhor, porque é que o senhor contrahe dividas? Gasta com amantes?

Lucia recordou ao amante que desde que ella tinha despedido a sua roda elle vivia em casa d'ella a ponto

de ter deixado o casebre da rua Pauthien. Só sahio de para ir a alguma visita, ao que elle dizia. O dinheiro miudo, tirava-o elle da gaveta de Lucia que, como os medicos celebres, tinha sempre á vista um punhado de ouro.

— Ah! tu tens dividas? diz-me então que sociedade frequentas?

— Minha querida Lucia, eu frequento um pouco todas as sociedades, desde a melhor até a peor. Eu não sou nenhuma noiva.

— Então jogas?

Lucia deu com essas palavras a taboa de salvação ao amante que logo se agarrou a ella.

— Eu não jogo mais porque já joguei muito: não t'o queria dizer. Tu não imaginas de quanta tactica tive de usar para pedir emprestado aqui e acolá. Tinha de pagar em vinte e quatro horas. E agora estou inquietissimo.

Abelle fallou tão naturalmente que a comediante acreditou-o.

Lembrou-se do lansquenet que começou a ruina de Gontran Staller.

— Ahi está, meu querido, porque tu andavas distrahido! Quanto queres que eu te dê?

— Eu não quero que me dés, quero que me emprestes. Mais tarde minha familia t'o pagará.

Abelle fallava sempre na familia como um criminoso falla sempre nos cumplices. A verdade é que elle bem

pouco tinha a esperar d'essa maldita herança. E demais as idades do pae e da mãe d'elle sommadas não chegavam a um seculo. Até a morte d'elles, nada podia esperar, porque já os tinha cansado com exigencias.

— Seja como fôr, disse Lucia, eu não regateio contigo. Precisas de dez mil francos, de vinte mil?

— Sim, vinte mil francos, respondeu Carlos Abelle. Talvez me sobre alguma cousa que n'esse caso te restituirei, porque, uma vez pagas essas dividas de jogo, que preciso eu mais para ser feliz? basta-me o teu coração de ouro! Eis toda a minha fortuna.

E beijou Lucia com effusão como se elle se fundisse em amor e ella se fundisse em ouro.

— Vamos ao Bosque, sim? disse-lhe ella.

O amor cegava-a a tal ponto que ella achava muito simples mostrar o amante por toda a parte, ella que até então andava sempre só para não causar ciumes a ninguem.

Carlos Abelle não quiz ir ao Bosque.

— Vem, meu amigo, disse Lucia

— Não! hoje não. Só tenho um desejo: é correr a pagar as minhas dividas.

Ora, quaes eram as dividas de Carlos Abelle? Eram dividas de coração.

XII

Mlle TRINTA E SEIS VIRTUDES

Já vos fallei, no livro — *les Grandes Dames*,— de uma rapariga— tinha sido cosinheira— conhecida com o nome Trinta e seis Virtudes. Ignoro a origem d'esse baptismo galante. Era uma finissima velhaca que fazia render as compras na cosinha do sr. Cupido. Natural de Bourgogne, onde em creança tinha bebido o succo da videira, não tinha grandes cores, mas tinha grande alegria. Chegou a Pariz aos desesseis annos com a vaga aspiração de fazer fortuna por qualquer preço, porque entendia que todos os officios são bons. Entrou— prompta para todo o serviço — para casa de uma rapariga da sua terra que fazia do amor meio de vida. Comprehendeu logo a recem-chegada que isso era mais facil do que fazer guisados. E por isso, como era muito bonita— muito apetitosa, como diziam os entendedores,— a principio servia

de distracção aos amantes da ama durante a ausencia d'ella— e tão bem o fazia que um dia a dona da casa não encontrou mais nem a cosinheira nem o amante official.

Moralidade: não convém ter na cosinha uma criada prompta para todo o serviço.

Sabe-se como as mulheres adquirem espirito. Mlle Carolina, por antonomasia Trinta e seis Virtudes,— não sei porque, a não ser por anti-phrase— adquiriu em breve muito espirito. Dispunha de muita malicia natural, bebida com o leite, ou antes com o vinho de Bourgogne.

Desde que ella appareceu entre as mulheres de terceira ordem que atulham as avenidas do vicio parisiense, fez impressão pela agudesa de espirito.

Entre essa gente fallar muito é ser eloquente. Carolina fallava sempre. Quem é que, á força de dizer tolices, não chega a dizer uma phrase espirituosa? É a sorte grande da loteria.

Ella não fez como as amas de leite que vem de Bourgogne, deixando lá um filho e remetem á familia todos os mezes dinheiro para as despezas. Viveu dia por dia, sem cuidar no dia seguinte, douda pelos lindos vestidos e pelas joias de carregação. O bolso da cortezã, é como o tonnel dos Danaides, — se me ermittem esta velha expressão.

Abelle encontrou em uma ceia Carolina. Ella encantou-o com o seu espirito diabolico. Elle imaginou que isso seria capricho de uma hora, mas foi uma verdadeira

paixão. Elle tomava uma mulher— de passagem— como uma garrafa de champagne. Em uma hora de amor dava a garrafa por esgotada, desviava os labios, e não voltava lá.

A cara d'elle e as pilherias tinham conquistado muitas dessas creaturas que dão horas de sua vida sem dar cousa alguma. Simples questão de desfastio. Como o viam ha muito com Lucia, que era desdenhosa por excellencia, julgavam-o irresistivel e não faziam cerimonias com elle. E demais, era um homem sem consequencia.

Elle, por sua parte, dizia tambem que eram mulheres sem consequencias, e procurava hoje uma, amanhã outra. Entreactos comicos em sua comedia seria com Lucia.

A cantora ouvira dizer uma vez ou outra que o amante fallava a essas creaturas, mas não acreditava que se demorasse em tão baixa esphera o amante de uma mulher como ella, que tinha tido uma côrte de principes.

Ha tres classes de cortezãs em Pariz— sem contar as que exercem a profissão com licença da policia.— Ora, ha talvez maior distancia entre a cortezã altiva que diz ao Arentanario *para os italianos* ou *para casa* e a cortezã que anda a pé pelo boulevard des Capucines, do que entre duquesa e a burguesa. Por isso Lucia não se inquietara com os caprichos do amante. Mas esquecia-me dizer porque razão Carlos Abelle, que era adorado por Lucia, estava doudo por Carolina.

É que essa rapariga, que elle quiz domar como um

cavallo rebelde, atirou-o ao chão e pinoteou sobre elle. Era indomavel em sua alegria. Nunca tinha tido o seu quarto d'hora de sentimento. Zombava de todos os homens, porque não comprehendia que o amor fosse mais que uma gargalhada. Carlos Abelle, que tinha altas pretenções de dominador de mulheres, sentiu-se a principio sorprehendido por essa zombaria interminavel. Quiz vencer, combateu, apaixonou-se, deixou-se prender e não prendeu Carolina.

Apezar de andar sempre a rir, ella bem viu que elle estava apaixonado. A principio orgulhou-se, porque essa gente não julga os homens pelo que elles são, mas sim pelo que parecem: Carlos Abelle estava em moda n'aquelle mundo equivoco. Divertia umas tocando piano, divertia outras por ter lido antes d'ellas os jornalecos— quero dizer os grandes jornaes.— Estas achavam-o bonito porque elle tinha uma cabeça de cabelleireiro ao domingo, aquellas achavam-o espirituoso porque elle zombava d'ellas,

Carolina não fazia cerimonias para receber todos os dias os dous ou tres luizes que Lucia dava a Carlos Abelle, para despezas miudas. Naturalmente elle fallava da familia. Pouco a pouco, depois de se ter sentido orgulhosa, a ex-cosinheira sentiu-se feliz. Os luizes entretem a amisade. E demais o amor acaba por gerar amor. Ella continuava a rir, mas dizia-lhe:— Eu gosto mais de ti que dos outros.— Ser mais amado que os outros, era a

sorte — enganei-me, — era o ideal d'esse homem que recebia com a mão direita o que dava com a esquerda, sem córar, porque tambem não corava ao receber.

Um dia acordou doudo de amor por Carolina. Estava ainda mal desperto, beijou furiosamente Lucia; por engano.

— Porque motivo estes não sabem tanto? perguntou elle a si proprio.

Levantou-se a toda pressa e correu a casa de Carolina.

— Ah! como eu te amo! exclamou elle beijando-a quasi sem respirar.

Esse grito, foi o grito da morte de Lucia.

E é por isso que Carlos Abelle tinha dividas de coração, e por isso pediu sem vergonha vinte mil francos á amante rica, para os dar á amante pobre. Ha muito que elle entendia que Carolina era digna de um pedestal. Vivia ella, como todas as mulheres da sua classe, em um commodo mobiliado indigno d'ella e d'elle. Elle que estava habituado ao luxo em casa de Lucia, indignava-se sempre de ver em casa de Carolina uma mobilia de occasião que tinha pertencido a todos e a todas.

Porque razão Carolina, que elle considerava mais formosa que Lucia, não havia ter tambem seus dias felizes? Tinha sido cosinheira! mas onde tinha Lucia dado os primeiros passos? Lucia tinha-se feito cantora, mas Caro-

lina não podia fazer-se comediante? Já citavam-se seus ditos nas ceias e nas corridas.

Carlos Abelle dividiu em duas partes os vinte mi r ancos da cantora: uma para Carolina e outra para si. Foi nas proximidades do anno bom.

— Vou fazer-te uma surpreza, disse elle á ex-cosinheira.

De facto, no primeiro de janeiro, apresentou-se em casa d'ella ás onze horas e disse-lhe solemnemente:

— Vem commigo, quero levar-te á tua casa.

Levou-a á rua de Berry a um bonito aposento em que tinha reunido moveis de toda a casta.

— Oh! um piano! exclamou Carolina.

E tocou ao luar acompanhando-se com um murro e uma patada.

— Tudo isto é meu? repetio ella.

— Tudo, minha querida, até o proprietario, que é como tu de Bourgogne.

— Custa-me a crêr no que vejo!

Carolina poz-se a cantar e a dansar como se tivesse descoberto a California.

— Oh! que bonita cama, exclamou ella de repente. Mas, sabes? vou prender-te no meu quarto de dormir e tu não has de sahir para casa de tua princeza senão amanhã de manhã.

— Bom! disse Abelle, agora tenho duas prisões.

XIII

A PENA DE TALIÃO

Á meia noite, o amante por partidas dobradas era esperado com impaciencia em casa de Lucia. Tinha-lhe elle dito que ia jantar com a familia, mas que viria fazer *reveillon* com a amante.

Fez realmente *reveillon* com a amante, mas não foi com Lucia.

Á meia noite e um quarto, Lucia tinha vinte vezes relido os cartões de visita de anno bom dizendo com um sentimento de melancholia: — Inda se lembram de mim.

— Eram cartas com brazões e titulos de principes, duques, marquezes e condes. Os barões mal pensavam aventurar-se aquellas alturas.

E Carlos Abelle não chegava. Quem o poderia demorar? Desde onze horas ella esperava-o com a cabeça em fogo. Que estava elle a fazer?

BIBLIOTECA MUNICIPAL "ORIGENES LESSA"
Lençóis Paulista - SP

— Em familia elle aborrece-se: é impossivel que se demore tanto em casa do irmão.

Chamou a creada.

— Carolina! dize a João que esteja prompto para ir levar uma carta.

— A senhora não sabe que é mais de meia noite?

— Para mim não ha hora? Previne João e volta.

E quando Carolina voltou;

— É verdade minha irmã te disse que vinha cá amanhã?

N'esse dia, Lucia que, á força de amar Carlos Abelle, julgava que ia deixar de ser cortezã e caminhar para a virtude, tinha escripto á irmã uma carta muito affectuosa.

Colombina, a menina illuminadora de gravuras que já era uma verdadeira mulher, sentiu-se tocada pela carta de Lucia, em que a cantora pedia a irmã que lhe perdoasse dando-lhe a mão no dia seguinte de manhã ás oito horas, á missa de Madeleine. Colombina respondeu verbalmente á creada: « Não vou á Madeleine, mas irei a casa de Lucia. »

Resposta inesperada! grande alegria da comediante, que disse comsigo: Se eu casasse com Carlos Abelle, minha irmã dar-se-hia comigo.

— Como é bonita sua irmã, minha senhora, disse Carolina. Parece um anjo com a sua alvura e seus olhos azues. Só ver uma cara assim faz vontade de ir á missa.

— Não é? disse Lucia. E eu que queria dar-lhe um amante. O que é perder a cabeça com as primeiras loucuras. Mas estou hoje bem longe de pensar assim!

— Bem se vê, murmurou Carolina como um arzinho de censura. O anno passado no dia de anno bom, não se podia dar um passo dentro de casa sem pisar em presentes. E este anno? Nada. Apenas uns confeitos.

— E eu tenho orgulho da minha solidão. Quizera não ter conhecido ninguem.

— Pois sim, mas a senhora é como os principes que dizem fazer pouco caso dos titulos de nobreza; agora que tem uma boa casa e diamantes: Quer que eu lhe dê um conselho? será o meu presente de anno bom.

Lucia reprehendia-se sempre por conversar muito com a creada, mas não podia perder esse mau costume. Disse a Carolina:

— Ora vamos! Falle, mas, por quem é, não diga tolices.

— Pois bem! fallarei sem cerimonia. A senhora quer acabar como tem acabado muitos outras, casando. Isso vae de encontro aos meus principios, mas, emfim! eu comprehenderia se a senhora tentasse a ventura com um titular; isso dá tom, fica-se sendo alguma cousa. Mas com um pianista.

Lucia conteve o furor, admirava-se de que aquella rapariga ousasse fallar tão francamente.

— Mr. Abelle não é um pianista, é um filho familia. Póde aspirar a tudo.

— Se, ao menos, elle amasse a senhora.

— Não sei porque o duvidas, elle sacrificou tudo por mim.

Carolina deu uma grande gargalhada.

— Basta! basta! disse Lucia, que já não podia conter-se, não preciso de teus olhos para vêr bem. Aconselho-te a tratar com todo o respeito Mr. Abelle. Acho que tomas muita liberdade com elle. As creadas são sempre assim. Só estimam as pessoas que as tratam severamente. Mr. Abelle tem o defeito de fazer espirito com todos, até com os creados.

Tinha já a creada recebido as suas festas. Ella viu que a casa ia-se tornando má e respondeu claramente.

— Pois bem! Mr. Abelle não torna a fazer espirito comigo. Bem vejo que cahi no desagrado da senhora, amanhã rei para minha terra, mas tomo a liberdade de dizer mais uma palavra. Esta abelha é uma vespa que hade sujar o mel da senhora e morder-lhe depois o coração:

— Vae! vae! disse Lucia, pódes ir já, se quizeres. Não espera... vae depois da ceia.

— A que horas a senhora tenciona cear?

— Vae, anda! E vê que esteja tudo prompto para quando Mr. Abelle chegar.

— E se elle não vier? arriscou-se a perguntar a creada, voltando a cabeça.

— Se elle não vier !

Lucia saltou como uma leôa. Carolina voltou.

— Escute, minha senhora, eu não ousava dizer-lhe a verdade, mas acredite-me. Lembro-me do que lhe devo e fallo só por amisade: M. Abelle engana-a.

— Engana-me ! Tu não sabes o que dizes.

— Sim, engana-a, com uma mulher que se chama Carolina como eu, e que já foi cosinheira, como eu.

— Tu mentes !

Mas Lucia via com desespero que a creada não mentia.

— Tanto não minto que a estas horas M. Abelle e Mlle Carolina fazem *reveilon* sem se inquietar com a senhora. Se já se viu cousa asssim !

— Quem te disse isso ?

— Ora, meu Deus, só quem não sabe d'isto é a senhora M. Abelle arruina-se com aquella mulher.

Lucia lembrou-se dos vinte mil francos ; fez-se a luz em seu espirito.

— Tu tens certeza do que dizes, ... Carolina ?

Este nome — Carolina não queria mais passar pelos labios de Lucia.

— Tenho certeza, sim senhora ; uma mulher de nada. Ah ! eu nem sei como M. Abelle desceu tanto, mesmo que não fosse amado pela senhora.

— Se eu acreditasse em tal, disse Lucia, não o tornaria a ver. Escuta — Carolina — nem uma palavra a

este respeito, — e principalmente não penses em deixar-me.— Oh! hei de vingar-me.

Lucia levantou-se, tinha a cabeça em fogo, agitava a mão no ar como se fosse bater a rival.

Era mais de meia hora depois da meia noite. Olhou para o relogio; viu-se ao espelho e achou-se feia; deu um murro no vidro.

— Oh! senhora, exclamou Carolina, quebrou o espelho.

— Foi de proposito; espelho quebrado em dia de anno bom, é signal de desgraça. Desgraçada de mim! desgraçado d'elle!

Carolina estava estupefacta, não ousava dizer nem mais uma palavra.

O sangue zunia nos ouvidos de Lucia.

— Bateram?

— Não, senhora.

— Se baterem, não abram. Hade passar a noite na rua como um cão.

— E logo depois:

— Sabes — Carolina — onde mora essa mulher?

— A dous passos d'aqui, rua de Berny. Sei porque temos o mesmo padeiro e a mesma fructeira.

— Sou eu talvez quem pago as contas, disse Lucia.

— Ainda não, mas lá chegará, tenha fé.

— Oh! infamia das infamias!

Da me o chapeu e a pelissa.

— Para que, senhora? Está chovendo.

— Pois bem! levaremos um chapeu de chuva. Ha cinco annos que não sei o que isso é. Depressa! depressa! depressa! os pés ardem-me, sinto o inferno em mim. Oh! minha cabeça!

Lucia levou a mão á cabeça, pinoteando.

D'ahi a cinco minutos andava ella á chuva com a creada em frente ás janellas d'essa Carolina que lhe roubava o coração e a alma.

Tres janellas do quarto andar deixavam transparecer a luz das vêlas.

— É alli, disse a comediante. Tira d'ahi o guarda chuva, não me deixa ver.

Lucia empurrou para longe a creada.

— Assim a senhora molha-se.

— Molhar-me-hei, tanto melhor! A chuva hade acalmar-me. Que tres janellas são aquellas?

— Para lhe não ocultar cousa alguma, minha senhora, é o quarto de dormir e o toucador. Estou certo que elles estão ceando no toucador.

Lucia tinha ainda esperança de que a criada se enganava e enganava-a. Mas o ciume fallava mais alto que suas ultimas illusões.

— Está! está! disse ella, sinto que elle está alli. Preciso ir a casa d'aquella mulher.

E quiz atravessar a rua.

— Oh! senhora, disse Carolina retendo-a, não faça isso!

— Hei de ir, quero ir lá em cima, matal-os ambos.

— Ora, minha senhora, nós não estamos no theatro, vamos-nos embora. Quem causa lastima não é a senhora, é elle! perder uma mulher como a senhora por causa de uma creatura como aquella, matal-o não seria castigo. Não lhe dê a senhora mais dinheiro, e está vingada, porque aquella mulher manda-o logo passear. E fica elle entre duas mulheres de ventas no chão.

Lucia perdia o juizo.

— Pois se eu não subir, sóbe tu. Diz-lhe que eu estou á espera d'elle. Veremos se elle ousa affrontar-me face a face, porque elle pensa que eu nada sei; pensa que eu creio que elle está em casa da familia.

A creada não conseguiu dissuadir a ama; Lucia, para dicidil-a, chegou-se á porta e tocou resolutamente.

Abriu-se porta.

— Sóbe, ou então subo eu, dize que eu estou doente, dize que eu morri, dize o que quizeres....

Lucia fallava ainda, quando sahiu um homem da casa. Reconheceu Carlos Abelle.

Ella vacillou e encostou se a Carolina. Não sabia o que dizer.

Como todos os homens que só se occupam com mulheres, Carlos Abelle não quiz passar sem ver de perto as duas que alli estavam.

— Sou eu, senhor, disse gravemente Lucia.

Ella estava tão pallida, tinha no rosto tão triste expressão, que elle mal a reconheceu, mesmo porque não podia imaginar que ella fosse ahi parar.

Apezar de ser bom comediante, ficou alguns segundos sem poder fallar.

Lucia estava quasi desmaiada nos braços de Carolina.

— O que ha? perguntou finalmente Carlos Abelle.

— O que ha? é a senhora que está doente e não fica mais boa, respondeu a creada.

— Não comprehendo.

— Eu é que o não comprehendo, respondeu atrevidamente a rapariga.

Tinha passado para Lucia o tempo das coleras. Chegára á essa phase da paixão em que as explicações são as lagrimas. Sua desgraça, tão bruscamente revelada, parecia-lhe tal que ella nem sentia forças para lastimar-se.

— Eu ia para tua casa, disse Abelle.

— É verdade, respondeu ella amargamente, é este o caminho. Pois vem, vem a minha casa para ver o que fizeste de mim, se eu não morrer antes de lá chegar.

Elle quiz dar-lhe o braço, porém ella reuniu todas as forças para repellil-o.

— Oh! não, disse ella, não acabe de matar-me.

Entraram em casa.

Quando Carlos Abelle viu a amante na saleta onde tan-

o tempo o esperára, feliz a principio, depois inquieta, ciumenta e desesperada por fim, impresionou-o a suat pallidez de marmore. Todo o sangue lhe refluira para o coração, por tres vezes perdeu os sentidos. Elle certificou-se de que aquella mulher que fingia com todos não fingia agora com elle.

Oh! como ella pagava todas as torturas que tinha feito soffrer a Gontran Staller e a outros.

Ella adorava Carlos Abelle, tinha-lhe sacrificado tudo, fortuna, theatro e amantes. Toda a sua vida resumia se n'elle. Era por elle que ella construia na imaginação o seu ultimo castello de cartas: elle trahia-a, a ella que era formosa, que era altiva, que era elegante, por uma mulher de infima classe.

E quem sabe se elle amava essa mulher?

As primeiras palavras que pronunciou quando pôde fallar, foram estas, ditas com a mais meiga inflexão:

— Meu amigo, se já me não ama, o que veio aqui fazer?

— Eu já te não amo!

E Carlos Abelle atirou-se aos pés de Lucia. Desatou a soluçar, e conseguiu deitar lagrimas.

Era um homem capaz de tudo.

— Mas se me amas, porque me enganas?

Carlos Abelle quiz ainda tentar uma mentira; mas bem vio que Lucia sabia tudo.

Bateu no peito, berrou que era indigno de Lucia, ro-

lou pelo chão implorando que lhe perdoasse. Tinha sido um quarto de hora de extravagancia, jurou não tornar a commetter taes torpezas.

Lucia chorou muito.

— Olha, disse ella, o teu amor é minha vida e a minha morte. Diz-me a verdade. Se me amas, perdôo-te. Se já me não amas, deixa-me.

— Teu amor, replicou Carlos Abelle, é tambem a minha vida e a minha morte. Viver sem ti, seria morrer. Viver comtigo, é viver.

Lucia perdoou.

— Pois sim! disse comsigo a creada furiosa, vou arrumar a minha trouxa.

— Minha senhora, disse ella alto, dá licença que eu parta amanhã de manhã para ir ver minha mãe?

— Hoje mesmo se quizeres, disse friamente Lucia, que queria prender-se outra vez ás suas illusões.

XIV

PERFUME DE VIRTUDE EM CASA DE PROSTITUTA

Carlos Abelle continuou a representar os seus dous papeis, fingindo amar Lucia, mas só amando a ex-cosinheira.

Já se fallava nas desventuras da cantora. Dizia-se que ella estava doida por um tratante que lhe dava pancadas e que a arruinava em favor de uma velhaca.

Diziam mais que era bem feito, porque não se tinham esquecido que Lucia tambem já tinha feito o mesmo. Quantos tinham soffrido! quantos se tinham empobrecido por ella! sem fallar nos que por ella morreram!

Mas dá-se com isto o que se dá com os criminosos condemnados á morte. Antes do julgamento o crime causa indignação, á hora do supplicio o paciente inspira compaixão.

A pallidez e a tristeza de Lucia acabaram por commo-

ver os mais endurecidos e os mais scepticos. A principio negaram que ella podesse amar, depois já não havia duvida. Arruinava-se pelo amante, atirava-se á paixão como a um abysmo, não se salvaria d'elle.

Annunciou-se em breve a venda da casa. Perguntavam se a não compraria a ex-cosinheira. De feito, essa caminhava em sentido opposto. Ao passo que Lucia descia para a ruina, ella subia para a fortuna.

Um dia que Lucia, que já não tinha cavallos, foi ao Bosque em um carro da praça, não pela gente, mas pelo Bosque porque queria respirar um pouco de ar puro, reconheceu, em um coupé puchado por dous cavallos inglezes, Carlos Abelle e sua rival.

Foi mortal o golpe. Ella cria vagamente que o amante via ainda uma vez ou outra essa mulher, como via outras muitas. Seria possivel que elle a acompanhasse ao Bosque? seria possivel que ella tivesse tão bonitos cavallos?

— Ah! murmurava ella, este homem é o meu algoz.

Não teve coragem para vel-os outra vez. Voltou para casa a esconder as lagrimas e a vergonha.

Annunciaram-lhe a irmã, correu a ella e beijou-a.

— Ah! Colombina! Colombina! tem pena de mim! Sou muito desgraçada! Que horrivel castigo! O homem que tu odeias, o homem que prometteu casar comigo, mata-me antes do casamento. É já a causa da minha ruina, seria tambem a causa da minha morte.

E contou tudo a Colombina; como Carlos Abelle se tinha imposto em casa d'ella; como ella soffrera o dominio d'elle, sempre a revoltar-se; como elle se tinha feito senhor absoluto de seu coração e de sua pobre cabeça; como lhe obedecia cegamente, ella que nunca obedecera a ninguem! E todas as suas mentiras, e todas as suas traições, e todas as suas infamias!

— Pois então, disse Colombina, fecha-lhe a porta. Não está tudo perdido quando ainda se tem fé em Deus.

— Mas elle não me deixa ver Deus! eu só o vejo a elle, sempre elle, é o meu supplicio.

— Se tu o desprezas, não o amas!

— Desprezo-o e amo-o! N'isso vae o meu castigo! Ha um anno que lucto para arrancal-o do coração. E quanto mais quero odial-o, mais me prendo a esta cruz. Estou crucificada em vida. Não durmo, o ciume dilacera-me o coração. Sinto o inferno na cabeça. Ah! Colombina, Colombina! beija-me a fronte com teus labios de mulher honesta.

Lucia cahiu ajoelhada aos pés da irmã.

Colombina beijou Lucia com seus labios sempre virginaes.

A infeliz sorriu. Pareceu-lhe que uma aragem do céu lhe passára pelos cabellos incendidos.

Assim que Colombina sahiu Lucia tomou outro carro para ir ao Père-Lachaise.

— A sepultura de Gontran Staller? perguntou ella a um dos guardas.

Levaram-a perto do tumulo do duque de Morny.

Lucia leu o nome do homem que se matára por ella. Cahiu ajoelhada e chorou largo tempo.

Chorar é rezar.

Fugiu como uma ladra ao reconhecer de repente a irmã de Gontran Staller.

A volta do cimeterio, encontrou Abelle á porta da casa.

Não lhe disse uma palavra: elle não a tinha visto no Bosque; ella não queria humilhar-se mostrando ciumes.

— Não sabes, disse elle alegremente, venho do circulo. Apostei que tu tinhas apenas vinte e dous annos Perdi, mostraram a tua certidão de idade. Creio que era uma aposta cavalheiresca? Dá-me mil francos.

Esta mentira foi mais uma ferida.

Só havia em casa dous mil francos. Lucia foi em silencio buscar uma nota de mil francos e entregou-a ao amante.

Olhou para elle gravemente, como se quizesse procurar-lhe a alma nos olhos.

Achou-o mais bello do que nunca. Por mais que elle fizesse, ella via-o sempre pelo mesmo prisma: estava ainda enfeitiçada.

De cada vez que ella queria romper de todo, dizia: Paciencia, elle ha de voltar.

Julgava reconquistal-o pela bondade e pela doçura.

Elle quiz beijal-a pela alegria que lhe causavam os mil francos.

— Agora não, disse ella, logo á noite.

Á noite, apezar de ter vindo cedo, elle achou Lucia deitada.

— A senhora está muito doente, disse-lhe a creada.

Já não era Carolina.

Para onde teria ella ido?

Carolina estava então ao serviço da outra Carolina, e dizia, referindo-se a Lucia, que não gostava do sol no occaso.

— Porque está a senhora doente? perguntou alegremente Carlos Abelle.

— O medico fez-me a mesma pergunta. Perguntou o que tinha succedido hoje á senhora. Eu disse-lhe que não sabia.

Lucia estava com muita febre. Passavam-lhe pelos olhos os fantasmas do delirio.

— Gontran, disse ella, estendendo a mão a Carlos Abelle.

O biltre teve medo. Sabia a historia de Gontran Staller, sabia que Lucia o tinha arruinado e que em sua miseria e em seu desespero elle se suicidára.

— Quem sabe, disse elle empalidecendo, se ella não terá o mesmo fim?

XV

O LADRÃO E A MORTE

Estava acabado, Lucia não devia mais levantar-se da cama. A véla ardera pelos dous extremos. De um lado a lampada romana, do outro o tocheiro funerario. Tinha tripudiado com a alegria, devia adormecer com a dor. A felicidade tela-hia feito viver mais tempo; mas devendo pelos rudes tormentos do ciume, depois de o ter sido pelas alegrias estereis do orgulho, tinha de extinguir-se em poucos dias.

Quando as mulheres perdidas não acham onde acalmar a cabeça, depois das altas loucuras de seus primeiros feitos, morrem victimas da propria mocidade. Verdadeiro fogo de artificio a que se não deita nem um balde d'agua. Algumas arrastam-se pela mizeria conservando ainda um sorriso; antes tiram a sorte grande, sobrevivendo a si mesmas pelas familia ou pelos filhos, e uma ou outra, por um amor que as salva:

Lucia era uma das victimas do amor que mata.

Nem a lembrança da sua roda, nem a vista da sua belleza, nem sua fortuna, nem seu luxo, nem suas amizades poderam cousa alguma contra esse enviado da desgraça, o ultimo que ella tinha de amar, a punição de todos os seus pecados.

Seria a mão da Providencia que se revelava assim terrivel em sua vingança? Seria o acaso das cousas, cujo golpe é ás vezes certeiro porque nem sempre se engana quando atira a primeira pedra a uma mulher?

O medico de Lucia receava uma febre cerebral. Perguntou a Carlos Abelle se ella tinha tido algum desgosto.

— Desgostos! respondeu, esta mulher é a creatura mais feliz do mundo! Desde que abjurou o passado só tem uma idéa, ser minha mulher!

O tratante tomou uns ares de dignidade.

— Mas comprehende, continuou elle, que apezar de lhe ter promettido casar com ella em breve, esperava obter primeiro o consentimento de minha familia. Os homens bem educados não casam com suas amantes.

O medico olhou para Carlos Abelle como se lhe dissessem: os homens bem educados não vivem a custa das suas amantes.

— Olhe, disse elle, que se eu o consulto sobre os desgostos de Lucia é para saber se são irremidiaveis. Creio que a conheço bem. Ella tem uma verdadeira sede

de reabilitação; se o senhor se não casar com ella, não conseguirei salval-a.

— Mas eu não posso casar com ella á queima-roupa, emquanto ella está em delirio.

— E demais, disse o medico retirando-se, casar com este homem, seria descer ainda! Lavo d'ahi as mãos.

Passaram alguns dias. A doente ia peor.

Uma noite, mandou chamar d'Aspremont.

Elle sabia quanto ella soffria, foi vel-a.

Ia para fallar-lhe de Deus: ella fallou-lhe de Gontran Staller.

— É extraordinario, disse-lhe ella, parece-me que todo o amor que eu tinha por Carlos Abelle era uma illusão; não posso vel-o sem que lhe ache as feições de Gontran Stalles; foi a elle que eu amei, é a elle que ainda amo.

D'Aspremont, que era philosopho, procurava explicar essa miragem, quando Lucia continuou, estendendo-lhe a mão:

— Eu fui infame para com o seu amigo; mas tenho soffrido tanto que deve-me perdoar. Perdoe-me em nome d'elle. Vou morrer; mande-me um padre amanhã de manhã. Tenho esperanças que Deus tambem me hade perdoar.

D'Aspremont quiz consolar Lucia e chamal-a de novo á ideia da vida.

— Não, disse-lhe, só peço um favor: ser enterrada

na sepultura de Gontran Staller. Fui lá chorar, encontrei a irmã d'elle. Peça-lhe isso; elle amou-me tanto, que estou certa que está a minha espera.

D'Aspremont commovido, não podia comprehender como se tinha transformado de repente em compaixão o odio que tinha por Lucia. Nada é eterno no coração humano; é uma casa em que vem habitar uns apoz outros os sentimentos mais oppostos. Todos os peccados, todas as virtudes tem n'elle direito de domicilio O coração não é um mundo, é o mundo inteiro.

D'Aspremont prometeu a Lucia que, se ella morresse, seria enterrada ao lado de Gontran Staller.

Nas ultimas horas da vida, volta-se a gente para as auroras, esquece-se dos ultimos trilhos percorridos, e retempera-se a alma para fazer a viagem da morte nas frescas emanações da mocidade. Lucia recordava com paixão o bom tempo, seus primeiros passos na vida, no amor e no theatro. Pedia que lhe trouxessem o seu retrato pintado por Eugenio Deschamps.

— Ah! como eu era feliz n'aquelle tempo.

E viu passar a melancholica figura de Gontran.

— Porque o não amei eu mais? disse ella.

E sentia calafrios ao pensar na ultima entrevista, quando elle veio amarrotado pela insomnia e pela miseria chorar á porta da casa que elle mesmo lhe tinha dado. Sentiu horror de si, queria fazer penitencia e

achava que as traições de Carlos Abelle não tinham sido expiação bastante.

O conde d'Aspremont ainda lá estava: annunciaram o amante.

— Não quero mais vêl-o, disse Lucia escondendo o rosto com as mãos; é a minha vergonha, é a minha morte.

D'Aspremont julgava que essas palavras lhe sahiam do coração, e disse em voz alta ao criado:

— Diga a esse senhor que tem ordem de não deixar mais entrar aqui.

— Espere, disse Lucia, não lhe diga isso hoje. Quero vel-o pela ultima vez, quero dizer-lhe, eu mesma, que já o não amo, que nunca o amei.

D'Aspremont pegou friamente no chapéo.

— Hade vir ver-me outra vez, sim? disse a moribunda.

— Não, porque poderia encontrar o seu amante.

— Juro-lhe que de amanhan em diante elle não virá mais a minha casa.

— Então virei amanhã. E se puzer esse homem na rua, trar-lhe-hei uma irmã de caridade.

Um raio de alegria passou pelo rosto de Lucia.

— O arrependimento, disse ella, é já o ceu!

D'Aspremont passou, na sala contigua, de chapeu na cabeça, por Carlos Abelle que tentou sorrir.

BIBLIOTECA MUNICIPAL "ORIGENES LESSA
Lençóis Paulista - SP

— Como vae ella? disse elle, querendo fazer parar o conde.

Mas ficou petrificado por um olhar que dizia claramente não o conheço.

Para vingar-se d'essa humilhação, entrou elle de chapéu na cabeça no quarto de Lucia.

— Então que modo de tratar é este? disse elle.

Lucia teve medo. Elle tinha-a dominado pelo amôr, dominava-a pelo terror ainda. Quando elle estava ausente julgava ella que tudo estava acabado; logo que elle reapparecia, ella recahia em sua escravidão, porque já não tinha bastante virtude para resistir á propria covardia.

— Meu amigo, disse-lhe ella com a maior doçura na voz, sinto que vou morrer, lembre-se de mim que o amei tanto.

A colera de Carlos Abelle cahiu como a dignidade de Lucia. Achava-a mais disfigurada ainda que de manhan. Pressentio que breve ella morreria.

— Diz-me, meu amigo, disse ella reanimando-se o que farás quando eu morrer?

— Tu não hasde morrer! mas se morreres, viverei ainda da tua lembrança.

Lucia sorrio amargamente.

— Com as outras. Mas perdoo-te, porque lembro-me que me amaste. Mas olha, é preciso que sejas um

homem de bem, precisas trabalhar, porque tu não tens fortuna, e eu bem pouco tenho.

Carlos Abelle olhou para Lucia como para advinhar-lhe a ideia.

— E demais disse elle, tua fortuna não me pertence.

— Oh! murmurou ella, eu não quero morrer sem fazer testamento.

Carlos Abelle teve a dificuldade em esconder a legria. Tinha elle calculado que, vendendo tudo, Lucia ainda tinha bem uns cem mil francos. Em sua miseria ella tinha conservado a melhor roupa branca e a preta para illudir os olhos. Ella venderia isso tudo, rendas, roupas de theatro, camisas maravilhosas capazes de passar pelo fundo de uma agulha, — ou então daria tudo a Carolina.

Mas era preciso um testamento. Lembrou-se que Lucia podia morrer antes de fazel-o: fez proposito de a não deixar mais para aproveitar a primeira occasião que apparecesse para a fazer escrever.

Passou lá a noite.

As onze horas, dirigiu as idéas de Lucia para o testamento.

— A proposito, disse elle, representando habilmente, preciso escrever a meu irmão; tens ahi uma penna?

Lucia ergueu a mão descarnada e tocou a campainha, chamando a creada.

A rapariga trouxe todos os preparos para escrever.

— Põe isso na mesa de cabeceira, disse Carlos Abelle.

A creada tinha-se deixado ficar em pé tristemente junto da cama. Elle fez-lhe signal que se retirasse, como se quizera praticar alguma acção má.

E começou uma carta para que Lucia pensasse em escrever.

— Olha, Lucia, disse elle, o que eu tenho de escrever a meu irmão leva-me mais tempo do que se eu tivesse de fazer o meu testamento.

Lucia estava com os olhos meio fechados como se não tivesse forças para ouvir, nem responder.

— E agora me lembro, disse de repente Abelle, porque não heide eu mesmo fazer o meu testamento? Quem sabe? tu podes ainda viver mais do que eu.

Rasgou a carta começada e escreveu a toda a pressa.

« Deixo a Mlle Lucia Maria — minha noiva — todos os bens moveis e immoveis que me pertencerem no dia da minha morte, sem excepção nem reserva: »

Datou, assignou e passou o papel pelos olhos de Lucia.

Ella leu e agradeceu-lhe estendendo-lhe a mão.

— Não é facil de fazer?

— É, disse ella, mas tu escreveste o meu nome de guerra. E demais não foi em papel sellado.

— É o mesmo. Basta pagar uma multa e mandar sellar o papel.

— Pois sim, mas quando eu fizer o meu testamento, heide fazel-o em papel sellado.

O desespero passou pela alma do velhaco. Não pensou perder tudo.

— Juro-te que basta que escrevas tres linhas, como eu fiz, abaixo do meu testamento, se queres fazer o teu. Será tão valioso como se tivesse sido feito com as maiores formalidades.

Quer não tivesse Lucia forças para escrever, quer comprehendesse o sentimento que movia Carlos Abelle, respondeu-lhe:

— Amanhã.

E continuou:

— Amanhã é o grande dia. Hade vir um padre para dar-me a extrema unção e eu mandarei chamar o meu tabellião. Quero que o meu testomento fique em regra.

Abelle já não sabia a que taboa de salvação se agarraria.

— Juro-te, disse elle, que é inutil vir cá o tabellião. Pelo contrario, o que se exige, é a sinceridade. Tanto é assim que os erros de orthographia são precisos em um testamento.

Lucia não ouvia ou fingia não ouvir,

— Está dormindo, disse Abelle deixando cahir a penna com desespero.

Quando veio o medico, d'ahi a meia hora, Lucia ainda dormia.

Depois de a ter observado, o medico sacudiu a cabeça e disse ao amante :

— Esta mulher não vae longe. A morte já lhe marcou o rosto. Deus meu! como tem cahido de hontem para ca!

Pegou-lhe na mão.

— É extraordinario! já não tem pulso. Julgava-a mais forte.

Acordou-a e endireitou a almofada.

— E então? perguntou-lhe risonho, como vae?

— Bem! respondeu Lucia.

— Tomou a poção?

— Não, tenha horror a tudo. E demais morro de somno.

— Pois durma.

— Pois sim. Olhe, prohiba-lhe, continuou ella indicando Carlos Abelle, de estar ahi a garatujar perto de meus ouvidos.

— A doente tem razão, disse o medico, o senhor bem pode fazer a sua correspondencia amanhã.

Lucia tinha-se voltado para o outro lado da cama.

— Adeus, doutor. Venha amanhã depois do meio dia porque de manhã espero o senhor cura.

Mas, a estas ultimas palavras, tornou a chamar o medico.

— Doutor, cahe neve, os pobres tem frio, faça-me o

favor de dar aos seus pobres a minha ultima nota de mil francos.

E suspirou.

— Ai! eu não tenho — os meus pobres! acrescentou ella amargameute.

Tirou debaixo do travesseiro uma nota de mil francos e estendeu-a ao medico.

Mas Abelle que estava mais perto d'ella disse vivamente:

— Não precisa ter esse trabalho, doutor. Elle calumnia-se dizendo que não tem pobres: eu conheço-os bem e sei onde os encontrarei.

Abelle tinha pegado na nota de mil francos. A moribunda pareceu não ter comprehendido, tão dominada estava já pelo somno da morte.

Abelle roubava os pobres!

O medico que se tinha affastado chamou o amante.

— Meu caro senhor, disse-lhe elle, esta mulher está a morrer, não é ella quem hade receber Deus amanhã, será Deus que a hade receber a ella. Estou com uma mulher em trabalho de parto aqui perto, voltarei de madrugada.

A noite foi alternativamente dolorosa e suave para a moribunda. Dormiu ora calma e risonha, ora com ancias de morte.

Carlos Abelle só pensava no testamento. O que fazer? como dicidil-a a escrever? Se elle pegasse na mão como

se faz aos meninos de eschola? Tres linhas depressa se escrevem.

De manhã chegou-se a Lucia e tentou ainda mas em vão fazel-a escrever. Era uma mão morta, já fria.

Olhou em torno de si como um homem que vê fugir-lhe a fortuna.

— Hontem, disse elle, tudo isto era meu! Agora está tudo perdido!

Não podia habituar-se a essa ideia, que os restos da fortuna de Lucia não lhe pertenceriam.

— Que farão d'isto? dizia elle.

E a minha fortuna!

CAPITULO XVI

O RELOGIO DAS HORAS DE AMOR

De sua mobilia principesca Lucia tinha conservado tudo o que estava no quarto de dormir. Não quiz nunca vender essa adoravel pendula Luiz XVI de prata massiça com relevos de ouro, avaliada em dez mil francos. Era o seu ultimo luxo. Essa pendula tinha marcado as melhores horas da sua vida Fallava-lhe como a um confidente. Era o seu ultima amigo.

— Este relogio, por exemplo, disse Abelle, heide leval-o para casa. Na confusão da ultima hora, ninguem dará por isso.

Lembrava-se de tambem de por no lugar d'elle o relogio pequeno do toucador.

Havia já algumas horas que Lucia não respondia quando elle fallava, olhava para elle, mas parecia não vel-o.

Julgando que Lucia dormia, elle chegou-se ao fogão e levantou o relogio de prata como para ver se era facil leval-o debaixo do mac-farlane.

— Se o reclamarem, disse elle, direi que ella deu-m'o.

N'esse momento, Lucia perguntou-lhe que horas eram.

Elle estremeceu.

— O relogio parou, respondeu elle, queres que traga para aqui o do toucador?

— Não! dá corda a esse, sabes como eu gosto d'elle. Esse é que hade marcar a minha ultima hora. Lembraste como era doce o som d'elle, quando eu não tinha que representar á noite e que nós diziamos loucuras?

— Oh, diabo! pensou Abelle, com desespero, agora está melhor.

Lucia levantou a cabeça.

— Sinto-me suffocada, dá-me um copo d'agua e abre a janella.

Carlos Abelle correu a abrir a janella. Quando trouxe o copo d'agua, Lucia tinha outra vez fechado os olhos.

— Acabou se, disse elle, está morta!

— Pegou-lhe na mão, e deixou-a cahir.

— Já gelada!

Pegou-lhe segunda vez na mão e roubou-lhe um annel de diamante, as unicas pedras que Lucia tinha reservado.

Voltou ao relogio. Mas a creada podia vel-o.

Foi buscar a capa. A creada dormitava na sala de jantar.

— Então, como vae a senhora ?

— Está dormindo. Eu vou sahir por um pouco, d'aqui a uma hora estarei de volta.

Poz o mac-farlane, voltou ao quarto de dormir, e pegou no relogio.

Não queria voltar a cabeça, mas a morte chama os vivos. A morte tem um poder occulto que obriga os olhos a encaral-a.

Abelle approximou-se da cama como para dizer adeus a Lucia.

Mas debaixo da capa o relogio deu horas.

Lucia abriu os olhos.

— Bem vês que não está parado ! murmurou ella como se despertasse de um longo somno.

Sabe-se que o ultimo pensamento dos moribundos é o tempo : perguntam sempre que horas são, como se presentissem que vão em pouco ouvir soar a hora da vida eterna.

Abelle ficou embaraçado como um ladrão que vê um agente de policia.

— Espera, disse Lucia, fazendo-lhe signal para desviar-se, deixa-me ver que horas são.

Elle obedeceu machinalmente.

— O meu relogio ? onde está o meu relogio ? exclamou ella.

Aquella mulher, que talvez se não tivesse mais levan-

tado se não tivesse ouvido dar horas, teve inda forças para saltar fóra da cama e arrastar-se até o fogão.

— Meu relogio ! o meu relogio ! disse ella ainda.

Fazia medo. O amante, espantado por si e por ella pegou-lhe na mão para a não deixar cahir.

Deus quiz que se fizesse luz no espirito de Lucia porque ella viu no dedo de Carlos Abelle o seu annel de diamante.

— Que fizeste ! gritou-lhe ella.

Abria para elle seus grandes olhos como para perguntar-lhe se tinha tirado o annel como uma lembrança de amor.

Mas as moribundas tem a segunda vista.

— Foi por causa do diamante, disse ella.

E tapou os olhos, estremecendo.

Abelle quiz impedil-a de cahir, mas com esse movimento a capa abriu-se e Lucia vio o relogio.

— Ladrão! disse ella.

E cahiu.

CAPITULO XVII

O ULTIMO PASSO

Carlos Abelle fugiu espavorido. Não tinha bem avaliado seu crime. Não tinha bem encarado a propria infamia.

Tinha obedecido á odiosa ambição do ouro que lhe inspirara o amor que sentia pela ex-cosinheira,

Porém, ao fugir, como pensou no que tinha feito, ou antes por sentir ainda a influencia do olhar terrivel de Lucia, atirou o relogio para cima de um canapé e precipitou-se meio louco para fóra de casa

Esbarrou na passagem com Eugenio Deschamps.

Lucia tinha escripto na vespera ao seu primeiro amante pedindo-lhe qne lhe viesse dizer adeus. Parecia-lhe que Eugenio Deschamps lhe traria uma aragem da mocidade.

Queria tambem dar-lhe uma lembrança se morresse.

— Que diabo terá este sujeito ! murmurou o pintor vendo passar Abelle.

Ha muito Eugenio procurava uma occasião para dizer a Abelle o que pensava a respeito d'elle; foi o que fez com bastante eloquencia levantando a mão como para dar-lhe uma bofetada.

Carlos Abelle não se indignou. Fugiu mais depressa ainda.

— Ora ainda bem! disse Eugenio Deschamps entrando.

O amante de Lucia não tinha sido o unico a arrecadar parte do espolio.

O pintor não encontrou em casa viva alma.

Não sabia que Lucia estava tão doente. Bateu á porta do quarto de dormir apezar de estar aberta.

Passando da claridade para o escuro a principio só viu trevas.

Pouco depois entreviu Lucia agonisando aos pés da cama. Chegou-se a ella com uma violenta palpitação de coração.

— Pobre mulher, disse elle vendo que ella ia exhalar o ultimo suspiro, está já pallida como a morte.

Pegou-lhe na mão, estava gelada.

— Lucia! Lucia! gritou elle, como se receasse não ser mas ouvido.

Lucia suffocava

Olhou para elle com olhos desvairados.

Repelliu-o a principio pensando que era Carlos Abelle.

— Lucia! Lucia! gritou outra vez Eugenio Deschamps.

— Ah! és tu! murmurou ella, tentando sorrir.

E pegou-lhe na mão e puchou-o para si.

— Deus então perdoou-me, disse ella, palavra por palavra.

Só esta visita inesperada podia fazer com que ella se esforçasse para viver ainda um momento.

— Então Deus perdoou-me eu esperava um padre, para não morrer como um cão; tu vieste, rezarás por mim. Ah! se tu soubesses como eu te amei! Dá-me aquelle crucifixo que está alli em baixo do ramo de buxo.

Eugenio Deschamps levou o crucifixo aos labios de Lucia.

— Quanto é bom amar a Deus, disse ella impondo as mãos.

E após curto silencio:

— Se tu quizesses, disse fixando a imagem, eu não seria hoje a ultima das mulheres. Eu teria vivido como uma das tuas servas. Fostes tu que me condemnastes a viver e morrer como uma mulher perdida.

Eugenio Deschamps so-ergueo-a do leito. Posto que habituado a não tomar nada ao serio, não pôde, comtudo reter duas lagrimas que orvalhavam as mãos de sua primeira amante.

— Pois bem, disse elle, eu vivirei para ti somente.

— Sim, sim, murmurou ella, tu viverás para mim, a esta hora em que vou morrer.

Foram suas ultimas palavras. A agonia findara-se. Em vão Eugenio Deschamps a abraçou, em vão fallou-lhe: sua alma voara a eternidade.

— É certo, disse elle, bastaria um pouco de amor para que estas raparigas não fossem mulheres perdidas.

FIM

INDICE DOS CAPITULOS

I. — As nuvens negras da felicidade..... 5
II. — O abysmo côr de rosa..... 9
III. — O decahimento do amor..... 19
IV. — A feste sobre os cyprestes..... 27
V. — O espectro do banquete..... 31
VI. — Porque as mulheres perdidas não tem filhos..... 49
VII. — Um amante por amor..... 53
VIII. — Um noivo das duzias..... 65
IX. — Um bom principe..... 73
X. — Um duello até o primeiro sangue..... 77
XI. — Dividas de jogo e dividas de coração..... 85
XII. — Mlle Trinta e Seis Virtudes..... 89
XIII. — A pena de Talião..... 95
XIV. — Perfume de virtude em casa de prostituta..... 107
XV. — O ladrão e a morte..... 113
XVI. — O relogio das horas de amôr..... 125
XVII. — O ultimo passo..... 129

FIM DO INDICE DO SEGUNDO TOMO.

1874. — Typ. Franco-Americana, rua d'Ajuda, nº 18.

Obras que se achão á venda n'esta livraria :

J. M. de Macedo

O Forasteiro, romance. 3 v. in-8º enc. 7$000, br..... 5$009
Os Quatro Pontos Cardeaes. — A Mysteriosa, romances. 1 v. in-8º enc. 3$000. br..... 2$500
Um noivo á duas noivas, romance. 3 v. in-8º br. 6$, enc. 8$000
A Namoradeira, romance. 3 v. br. 6$, enc..... 8$000
Nina, romance. 2 v. br. 4$, enc..... 5$000
As Mulheres de Mantilha, romance historico. 2 v. br. 4$000
enc.. ..... 5$000
A Luneta Magica, romance. 2 v. in-8º br. 4$, enc.... 5$000
As Victimas Algozes, quadros da escravidão. 2 v. br, 5$000
enc..... 7$000
A Moreninha. 1 v. com estampas, enc..... 3$000
A Nebulosa. 1 v. enc..... 3$500
Culto do Dever. 1 v. enc..... 3$000
Memorias de um Sobrinho de meu Tio. 2 v. enc..... 5$000
Moço Louro. 2 v. enc..... 5$000
Os Dous Amores. 2 v. enc..... 5$000
Romances da Semana. 1 v. enc..... 3$000
Rosa. 2 v. enc..... 5$000
Vicentina, 3ª edição. 3 v. br. 5$, enc..... 7$000
Theatro Completo. 3 v. enc..... 9$000
Luxo e Vaidade, Primo da California, Amor e Patria, comedias. 1 v. in-8º br..... 2$000
Lusbella, comedia. 1 v. in-8º br..... 1$500
Fvntasma Branco, comedia. 1 v. in-8º br..... 1$500
Novo Othello, comedia. 1 v. in-8º br..... 500
O Primo da California, comedia. 1 v. in-8º br..... 1$000
Cincinato Quebra Louça. Comedia. 1 v. in-8º..... 1$500

J. Norberto de Souza e Silva

Romances e novellas. 1 v. br. 3$000, enc..... 4$000
Brazileiras celebres. 1 v. in-8º enc..... 2$000
Flores entre espinhos. 1 v. in-8º enc..... 2$000

Fausto

Scenas da vida republicana. Reminiscencias do feliz tempo escolar. 1 v. in-12, enc. 1$600. br..... 1$000

Um provinciano ladino. — Onde se encontra a verdadeira felicidade. 1 v. in-12, enc. 1$600, br..... 1$000

A caça de um Baronato. — A herança esperada e inesperada, 1 v. enc. 1$600, br..... 1$000

Um casamento de tirar o chapeo, seguido de: O Diabo não é tão feio como se pinta, Charadas da campanha, Uma viagem ao sul do Brasil. 1 v. in-12 enc. 1$600, br..... 1$000

Dois Dias de Felicidade no Campo, Seguido de: Curso de Experiencia repentina, Pensamentos de pequena superficie mas de grande profundidade. O Relogio de Gertrudes. 1 v. in 12 enc. 1$600, br..... 1$000

L. Guimarães Junior

Filagranas. 1 v. in-8°, enc. 3$000, br..... 2$000

Contos sem Pretenção: A Alma do outro Mundo, o Ultimo Concerto, o Homem e o Cão. 1 v. in-8° enc. 3$, br.. 2$00

Joaquim Serra

Quadros, poesias. 1 vol. in-8° enc. 3$000, br..... 2$000

Bernardo Guimarães

O Seminarista, romance brasileiro. 1 v. in-8°, enc. 3$, br..... 2$000

Historias e Tradicções da provincia de Minas-Geraes: A Cabeça do Tira-Dentes, A Filha do Fazendeiro, Jupyra. 1 v. in-8° enc. 3$000, br..... 2$000

O Garimpeiro, romance. 1 v. in-8° enc. 3$, br..... 2$000

Cantos da Solidao. Poesias, 1 v. enc..... 6$000

Ponson du Terrail

O Capitão dos penitentes negros. 1 v. br. 1$000 enc. 2$000

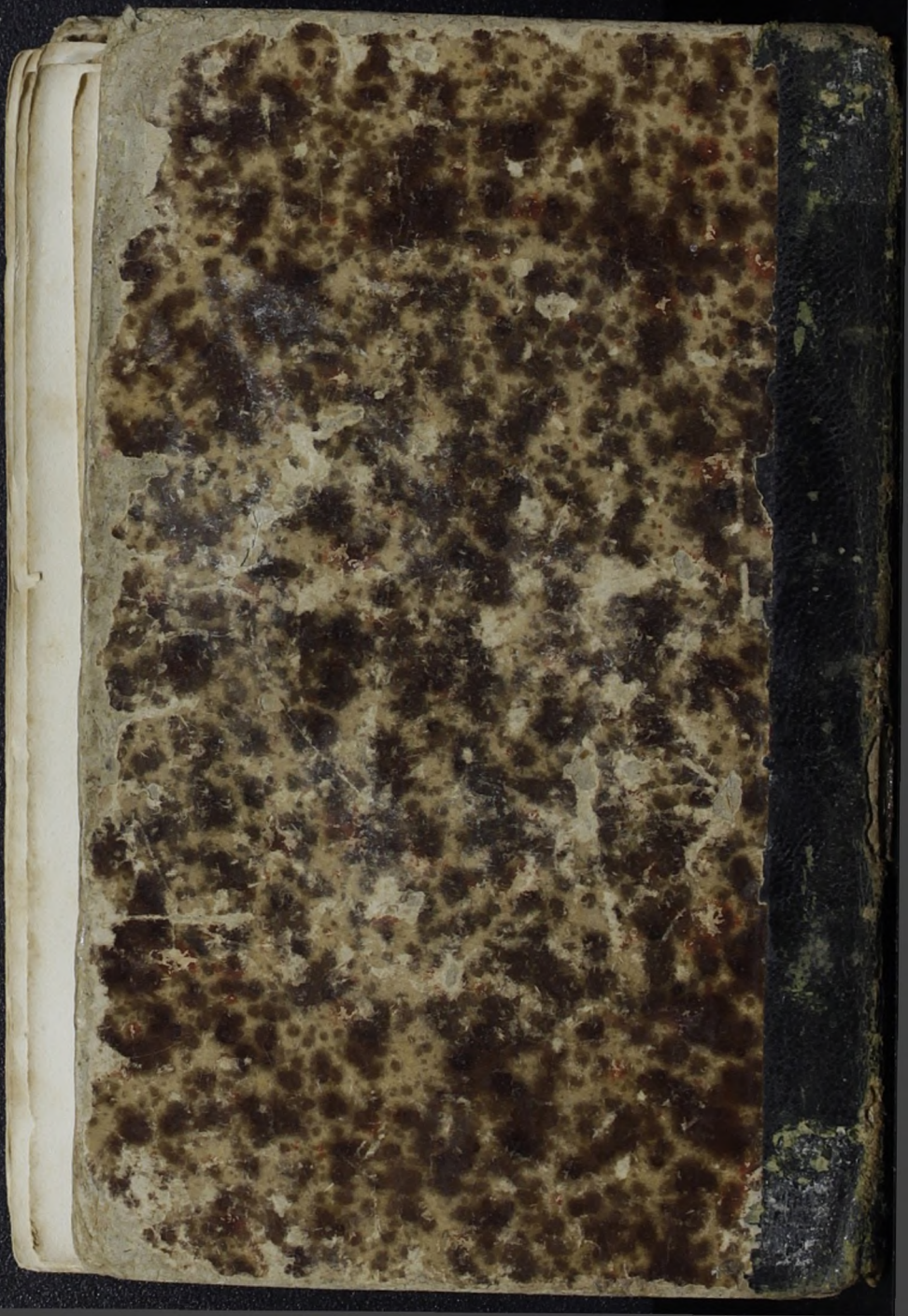
A. E. Zaluar

Revelações. 1 v. in-4° enc..... 5$000

1874. — Typ. Franco-Americana r. d'Ajuda 18.

BIBLIOTECA

CASTELLO BRANCO
CASTELLO BRANCO

Castello Branco

090
H 838l